

O jardim das cerejeiras

Personagens

- LIUBOV ANDRÊIEVNA RANÉVSKAI (Madame RANÉVSKAI), a proprietária das terras
- ÂNIA, sua filha, 17 anos
- VÁRIA (BÁRBARA MIHAILÓVNA), sua filha adotada, 27 anos
- LEÔNID ANDREIÊVITCH GAÉV, Irmão de madame Ranévskai
- IERMOLAI ALEXEIÊVITCH LOPAKHIN, um comerciante
- PIOTR SERGEIÊVITCH TROFÍMOV (PÉTIA), um estudante
- BÓRIS BORISSOVITCH SIMEONOV-PISCHIN, um proprietário de terras
- CHARLOTA IVANÓVNA, uma governanta
- SÍMEON PANTELEIÊVITCH IEPIKHODOV, um escriturário
- DUNIACHA (AVDÓTIA FEDORÓVNA), uma criada
- FIERS, um velho servo, 87 anos
- IACHA, um servo novo
- Um vagabundo
- Um chefe de estação de trem
- Um carteiro
- Convidados
- Um servo

A peça ocorre no patrimônio de madame RANÉVSKAI.

PRIMEIRO ATO

Um quarto que ainda é chamado de “berçário”. Uma das portas leva para o quarto de ÂNIA. O nascer do sol se aproxima. Mês de maio. As cerejeiras estão dando flores, mas está frio no jardim. Uma geada precoce aparece. As janelas do quarto estão fechadas. DUNIACHA entra com uma vela e LOPAKHIN com um livro em mãos.

LOPAKHIN. O trem chegou, graças a Deus. Que horas são?

DUNIACHA. Quase duas horas. [Apaga a vela.] Já está Claro.

LOPAKHIN. Quanto tempo o trem se atrasou? Duas horas no mínimo. [Boceja e se espreguiça] Eu sou mesmo um desastre! Eu vim para cá apenas para encontrá-la na estação, e acabei dormindo... Na minha cadeira. Uma pena. Você deveria ter me acordado!

DUNIACHA. Eu pensei que você tinha ido embora. [Ouve] Eu acho que eles estão chegando.

LOPAKHIN. [Ouve] Não... Eles terão que carregar as bagagens e vão demorar... [Pausa] Liubov Andreiêvna está morando no exterior faz cinco anos; não a reconheceria se a visse hoje... Ela é um tipo raro, boa pessoa e simpática. Eu lembro quando eu era um menino de quinze anos, meu pai, já finado, costumava ter uma lojinha aqui na vila, e uma vez bateu na minha cara e meu nariz sangrou... Nós fomos para o campo juntos, para fazer alguma coisa, e ele estava um pouco bêbado. Liubov Andrêievna, me lembro como se fosse hoje, ainda era jovem e muito magra, me levou até um lavatório aqui mesmo nesse quarto, o berçário. Ela disse: “Não chore criadinho, antes de casar sara.” [Pausa] “Criadinho”... Meu pai era um servo, é verdade, mas eu uso terno branco e sapatos amarelos... estou como uma pérola rara. Sou rico agora, tenho muito dinheiro, mas se você pensar sobre mim e me examinar, verá que eu ainda sou um camponês por baixo dessa pele. [Vira páginas de seu livro] Aqui, eu estava lendo esse livro, mas não entendi nada. Li e dormi. [Pausa]

DUNIACHA. Os cães não dormiram a noite toda, só latiram; eles sabiam que os donos estavam chegando.

LOPAKHIN. O que você tem, Duniacha?

DUNIACHA. Minhas mãos estão tremendo. Vou desmaiar.

LOPAKHIN. Você é muito sensível, Duniacha. Se veste como uma dama, além de arrumar o cabelo, como se fosse uma, também. Mas você não é. Se ponha no seu lugar.

IEPIKHODOV. [Entra com um arranjo de flores. Ele veste um casaco curto e botas bastante polidas que rangem muito alto. Ele derruba o arranjo ao entrar, e então o pega] O jardineiro mandou estas; ele disse que essas vão para a sala de jantar. [Entrega o arranjo para DUNIACHA.]

LOPAKHIN. E você, Duniacha, traz para mim um kvass.

DUNIACHA. Está bem. [Sai.]

IEPIKHODOV. Está um gelo essa manhã, três graus abaixo de zero e as cerejeiras estão todas floridas. Não posso aprovar nosso clima. [Suspira] Não posso. Nosso clima está contra nós até dessa vez. E, Iermolai Alexeiêvitch, permita-me mencionar apenas este tópico de suma importância, comprei essas botas há dois dias e eu garanto que elas rangem de uma maneira insuportável. O que eu deveria colocar nelas?

LOPAKHIN. Vá embora, não me aborreça.

IEPIKHODOV. Alguns infortúnios acontecem comigo todos os dias. Mas eu não reclamo. Eu me acostumei a eles e até sorrio. [DUNIACHA entra e traz o kvass de LOPAKHIN] Devo ir. [Tromba em uma cadeira] Olha... [Triunfante] Veja, foi só eu falar e aconteceu novamente, simplesmente indescritível. [Sai.]

DUNIACHA. Eu preciso lhe confessar, Iermolai Alexeiêvitch, que o Iepikhodov me pediu em casamento.

LOPAKHIN. Ah!

DUNIACHA. Eu não sei o que fazer a respeito. Ele é um rapaz bom, mas mesmo agora, desde sempre, quando ele começa a falar, eu não entendo uma palavra do que diz. Eu acho que gosto dele. Ele está louco de amor por mim. Que homem azarado, todo dia alguma coisa lhe acontece. Nós brincamos com ele sobre isso. Chamamos ele de “Vinte-e-duas desgraças”.

LOPAKHIN. [Escuta] Eles chegaram, eu acho.

DUNIACHA. Eles chegaram! O que eu tenho? Estou congelando.

LOPAKHIN. Eles estão aqui, finalmente. Vamos encontrar eles. Será que ela me reconhecerá? Não nos vemos há cinco anos.

DUNIACHA. [Entusiasmada] Eu vou desmaiar em qualquer instante... Oh, estou desmaiando!

Duas carruagens são ouvidas dirigindo-se para a casa. LOPAKHIN e DUNIACHA saem rapidamente. O palco está vazio. Um barulho começa na sala ao lado. FIERS, usando uma bengala, anda rapidamente atravessando o palco; ele vai de encontro a LIUBOV ANDRÊIEVNA. Ele veste um antiquado uniforme e um chapéu grande, resmunga um monte, mas nenhuma palavra é entendida. O barulho fora do palco fica cada vez maior. Uma voz é ouvida: “Vamos entrar ali.”.

Entra LIUBOV ANDRÊIEVNA, ÂNIA, e CHARLOTA IVANÓVNA com um cachorrinho preso em uma corrente e todas usando roupas de viagem. VÁRIA entra usando um longo casaco e um lenço na

cabeça. Entram também: GAÉV, SIMEONOV-PISCHIN, LOPAKHIN, DUNIACHA com malas e guarda-chuvas, e um servo com bagagens - todos cruzam a sala.

ÂNIA. Venha, por aqui. Você se lembra deste quarto, mamãe?

LIUBOV. [*Alegremente, em lágrimas*] O berçário!

VÁRIA. Está muito frio! Minhas mãos estão dormentes. [*Para LIUBOV ANDRÊIEVNA*] Seus quartos, o branco e o violeta, estão exatamente como eram, mamãe.

LIUBOV. Meu querido berçário, oh, que quarto maravilhoso... Eu costumava dormir aqui quando era um bebê. [*Chora*] E aqui é como se eu fosse uma garotinha novamente. [*Beija seu irmão, VÁRIA, e então, seu irmão novamente*] E Vária, igualzinha antigamente, como uma freira. E eu me lembro de você Duniacha. [*Beija-a.*]

GAÉV. O trem se atrasou duas horas. E agora; onde está a pontualidade?

CHARLOTA. [*Para PISCHIN*] Meu cachorro come nozes também.

PISCHIN. [*Surpreso*] Não acredito?!

Todos vão para os aposentos, saindo de cena, exceto ÂNIA e DUNIACHA.

DUNIACHA. Nós te esperamos tanto!

Tira casaco e chapéu de ÂNIA.

ÂNIA. Eu não dormi nada em quatro dias de viagem... Estou congelando.

DUNIACHA. Você foi embora durante a Quaresma, quando estava nevando e geando, mas agora? Querida! [*Ri e beija-a*] Nós tivemos que esperar por você, minha alegria, meu docinho... Eu preciso te dizer uma coisa, não posso esperar mais nem um minuto.

ÂNIA. [*Cansada*] Alguma coisa... Agora...?

DUNIACHA. O escriturário, Iepikhodov, pediu-me em casamento na Páscoa.

ÂNIA. Sempre o mesmo... [*Alisa o cabelo*] Eu perdi todos os meus grampos...

ÂNIA está muito cansada, e cambaleia enquanto anda.

DUNIACHA. Eu não sei o que pensar sobre. Ele me ama, ele me ama muito!

ÂNIA. [*Olha para seu quarto; com uma doce voz*] Meu quarto, minha janela, é como se eu nunca tivesse ido embora. Eu estou em casa! Amanhã acordarei cedo e correrei pelo jardim... Oh, se eu conseguisse dormir! Eu não dormi a viagem toda, eu estava tão incomodada.

DUNIACHA. Pétia Sergeiêvitch chegou faz dois dias.

ÂNIA. [*Contente*] Pétia!

DUNIACHA. Ele dorme na casa de banhos, vive lá. Ele disse que não quer incomodar ninguém. [*Olha em seu relógio de bolso*] Ele pediu para acordá-lo, mas Bárbara Mihailóvna me impediu. “Não acorde ele!”, ela disse.

Entra VÁRIA, com um molho de chaves no cinto.

VÁRIA. Duniacha, café, rápido. Mamãe quer beber.

DUNIACHA. Um instante. [*Sai.*]

VÁRIA. Bem, você voltou, Deus seja louvado. Em casa novamente. [*Carinhosa*] Minha querida voltou! Minha lindeza está de volta!

ÂNIA. A viagem foi horrível, preciso lhe dizer.

VÁRIA. Mal posso imaginar!

ÂNIA. Eu fui durante a Semana Santa; estava bastante frio. Charlota falou a viagem inteira e não parava com os truques de mágica. Porque você quis que a Charlota fosse comigo?

VÁRIA. Você não poderia ir sozinha, querida, você tem dezessete anos!

ÂNIA. Chegamos a Paris; estava frio e nevando. Meu francês é horrível. Mamãe vive no quinto andar. Fomos até lá, e encontrei vários franceses, mulheres, um velho com um livro, e tudo cheirava à tabaco, não tínhamos conforto algum. Tive pena de mamãe na hora, tanta pena que eu peguei a cabeça dela em meus braços e a abracei sem deixar que ela se soltasse. Então mamãe começou a me abraçar e a chorar...

VÁRIA. [*Chorando*] Não diga mais nada, chega...

ÂNIA. Ela já vendeu a vila perto de Mentone; Ela não tinha mais nada, nem uma moeda. Eu não tinha um copeque sobrando também. Nós mal conseguimos chegar aqui. E mamãe não entende! Ela teve que jantar na estação, pediu pelos pratos mais caros e deu gorjetas astronômicas para as garçonetes. E Charlota a mesma coisa. Iacha quis sua parte também, essa situação está muito ruim. Ele é o lacaio de mamãe agora, Iacha; nós trouxemos ele para cá.

VÁRIA. Eu vi o miserável.

ÂNIA. E os negócios, como vão? Os juros já foram pagos?

VÁRIA. Sem chance de isso acontecer.

ÂNIA. Oh Deus, oh Deus...

VÁRIA. A propriedade será vendida em Agosto.

ÂNIA. Oh Deus...

LOPAKHIN. [*Põe a cabeça na porta e bale*] MÉÉÉÉ! [*Sai.*]

VÁRIA. [*Chorando*] Eu gostaria de... [*Balança o pulso, ameaçando-o.*]

ÂNIA. [*Envolve com os braços VÁRIA, carinhosamente*] Vária, ele te pediu em casamento? [*VÁRIA nega com a cabeça*] Mas ele te ama... Porque vocês não acertam os ponteiros? O que você está esperando?

VÁRIA. Eu acho que isso não dará em nada. Ele é um homem ocupado. Não se importa comigo... Ele não presta atenção em nada que eu digo. Deus o abençoe, mas eu não quero vê-lo... Entretanto, todo mundo não para de falar do nosso casamento, todos me dão os parabéns e não existe nada entre nós, é como um pesadelo. [*Em outro tom*] Você tem um broche de abelha.

ÂNIA. [*Tristemente*] Mãe comprou. [*Caminha pelo quarto e fala fino, como uma criança*] Em Paris eu voei de balão!

VÁRIA. Minha querida voltou mesmo, minha lindinha está de volta! [*DUNIACHA retorna com a cafeteira, VÁRIA fica de pé perto da porta*] Eu ando o dia todo pela casa, cuidando dela e pensando sempre, se você casasse com um homem rico, então eu seria feliz e poderia ir embora para outro lugar por conta própria, depois seguiria para Kiev... Até Moscou, partiria em uma jornada missionária de lugar para o outro. Magnífico!

ÂNIA. Os pássaros estão cantando no jardim. Que horas são?

VÁRIA. Deve ser quase três. Hora de dormir, querida. [*Entra no quarto de ÂNIA*] Magnífico!

Entra IACHA com um xale xadrez e uma bagagem de viagem.

IACHA. [*Cruzando o palco delicadamente*] Poderia eu passar por aqui?

DUNIACHA. Eu mal reconheci você, Iacha! Você mudou muito no estrangeiro!

IACHA. Hm... E quem é você?

DUNIACHA. Quando você se foi, eu era apenas dessa altura. *[Mostrando com as mãos]* Eu sou Duniacha, a filha de Fiódr Kozoiédov. Você não se lembra!

IACHA. Oh, um pepinozinho!

Olha ao redor e agarra-a. Ela grita e derruba um pires. IACHA sai rapidamente.

VÁRIA. *[No corredor: com uma voz brava]* O que foi isso?

DUNIACHA. *[Em lágrimas]* Eu quebrei um pires.

VÁRIA. Tudo bem, pode trazer sorte.

ÂNIA *[Saindo do quarto dela]* Nós precisamos falar a mamãezinha que Pétia está aqui.

VÁRIA. Eu disse para não acordarem ele.

ÂNIA. *[Pensativa]* Papai morreu há seis anos, um mês depois, meu irmão Grisha se afogou no rio - um pequeno menino de sete anos! Mamãe não pôde aguentar isso; foi embora, para longe, sem olhar para trás... *[Estremece]* Como eu a entendo; se ela soubesse! *[Pausa]* E Pétia Trofímov era tutor de Grisha, ele deveria dizer a ela...

Entra FIERS com um paletó e colete branco.

FIERS. *[Vai até a cafeteira, nervoso]* A senhora comerá aqui... *[Coloca luvas brancas]* O café está pronto? *[Para DUNIACHA, severo]* Você! Onde está o creme?

DUNIACHA. Ai meu Deus...! *[Sai rapidamente]*

FIERS. *[Reclamando com a cafeteira]* Seu vale-nada... *[Resmunga para si mesmo]* De volta de Paris... O patrão veio de volta de Paris uma vez... Em uma carruagem... *[Ri]*

VÁRIA. Do que você está falando, Fiers?

FIERS. Perdão madame? *[Alegre]* A senhora está em casa novamente. Eu vivi somente para vê-la! Não me importo em morrer agora... *[Lágrimas de alegria.]*

Entra LIUBOV ANDRÊIEVNA, GAÉV, LOPAKHIN, e SIMEONOV-PISCHIN, este último com um longo casaco fino e roupas soltas. GAÉV entra movendo seus braços como se estivesse jogando bilhar.

LIUBOV. Deixe-me lembrar. A vermelha e azul no canto, a branca e verde no centro!

GAÉV. Na mosca Liubov! Olhe para esse lugar Liubov, um dia, na nossa infância, dormíamos aqui, e agora eu tenho cinquenta e um anos; é tão estranho...

LOPAKHIN. Sim, o tempo passa.

GAÉV. Quem?

LOPAKHIN. Eu disse que o tempo passa.

GAÉV. Que cheiro de alfazema aqui.

ÂNIA. Eu estou indo dormir. Boa noite mamãezinha. [*Beija-a.*]

LIUBOV. Minha princesa, amada. [*Beija sua mão*] Feliz por estar em casa? Mal posso acreditar.

ÂNIA. Boa noite, titio.

GAÉV. [*Beija sua face e suas mãos*] Deus te abençoe. Como você parece sua mãe! [*Para LIUBOV*] É igualzinha você com dezessete anos, Luluba.

ÂNIA *estende a mão para LOPAKHIN e PISCHIN, depois sai, fechando a porta atrás dela.*

LIUBOV. Ela está muito cansada.

PISCHIN. Foi uma longa viagem.

VÁRIA. [*Para LOPAKHIN e PISCHIN*] Bem, senhores, já são quase três da manhã, hora de irem embora.

LIUBOV. [*Ri*] Você é a mesma de sempre, Vária. [*Puxa-a e beija-a*] Eu preciso de um café agora, e então dormiremos todos. [*FIERS coloca uma almofada nos pés dela*] Obrigado, querido. Estou viciada em café. Eu bebo dia e noite. Obrigada, meu velho amigo. [*Beija FIERS.*]

VÁRIA. Eu vou ver se trouxeram toda a bagagem. [*Sai.*]

LIUBOV. Sou eu mesma sentada aqui? [*Ri*] Eu quero pular e sacudir meus braços. [*Esconde o rosto com as próprias mãos*] Eu devo estar sonhando! Deus sabe como eu amo meu país, amo profundamente; eu não pude olhar a estrada pela carruagem, de tanto que chorava. [*Em lágrimas*] Ainda assim, preciso do meu café. Obrigada, Fiers. Obrigada meu velho companheiro. Estou tão feliz que você ainda está conosco.

FIERS. Antes de ontem madame.

GAÉV. Ele escuta cada dia menos.

LOPAKHIN. Bem, preciso ir para Kharkiv no trem das cinco. Sinto muito! Eu deveria ficar mais, para colocar o assunto em dia... Você está bonita como sempre.

PISCHIN. [*Respira fundo*] Ainda mais bonita... Vestida como uma parisiense... Nos deixa até envergonhados.

LOPAKHIN. Seu irmão, Leônid Andreiêvitch, disse que eu sou um avaro, um agiota, mas eu não sou assim. Deixa eu falar. A única coisa que eu desejo é que confie em mim como antes, com aqueles olhos maravilhosos, que você me olhava antigamente. Deus todo poderoso! Meu pai serviu o seu avô, e seu próprio pai, mas você - mais do que todos - fez tanto por mim naquele tempo que eu esqueci absolutamente tudo e amo você como se pertencesse a minha família... Ou até mais.

LIUBOV. Eu não posso ficar sentada, não estou me aguentando. [*Pula e anda rapidamente e excitada*] Eu não vou sobreviver à essa felicidade... Você pode rir de mim; Eu sou uma mulher tola... Meu criado-mudo. [*Beija o criado-mudo*] Minha mesinha.

GAÉV. A babá morreu enquanto você estava fora.

LIUBOV. [*Senta-se e bebe café*] Sim, que Deus a abençoe. Fiquei sabendo por cartas.

GAÉV. E Anastássio morreu também. Piotr Kosoy me deixou e está morando na cidade com um Comissário de Polícia. [*Abre um pacote de jujubas e coloca na boca.*]

PISCHIN. Minha filha, Dachenka, manda lembranças.

LOPAKHIN. Eu quero dizer algo muito agradável, muito interessante, para você. [*Olha para seu relógio*] Eu estou indo embora, não tenho muito tempo... Mas preciso te dizer tudo, gastarei apenas uma ou duas palavrinhas. Como você já sabe, o cerejal será vendido para pagar suas dívidas, e a venda foi fixada para o dia 22 de agosto; mas você não precisa se preocupar, madame, pode dormir em paz; existe uma saída. Esse é meu plano, por favor, escute com atenção! Sua propriedade está apenas a vinte quilômetros da cidade, o trilho de trem passa por ela paralelamente, se dividirmos o cerejal e o terreno perto do rio em vários lotes e arrendarmos para casas de verão, pagarão pelo menos vinte e cinco mil rublos por ano.

GAÉV. Mas que absurdo!

LIUBOV. Eu não estou entendendo você, Iermolai Alexeiêvitch.

LOPAKHIN. Você terá vinte e cinco rublos por ano para cada três acres de cada arrendatário, no mínimo, escute meu conselho! Eu aposto que você não terá um lote vago no outono; todos serão arrendados. Em uma frase: está salva. Eu lhe dou os parabéns. Mas, claro, você precisa começar a arrumar tudo, a preparar o terreno... Por exemplo, você terá que derrubar esses prédios velhos, essa casa, que não vale mais nada e terá que derrubar o cerejal...

LIUBOV. Derrubar? Meu caro amigo, você precisa me desculpar, mas eu não estou entendendo absolutamente nada. Se existe algo realmente interessante e impressionante em toda província, é nosso jardim das cerejeiras.

LOPAKHIN. A única coisa impressionante no cerejal, é que é muito grande. Ele só dá cerejas a cada dois anos, e então não tem nada para fazer com elas, ninguém compra nenhuma.

GAÉV. Esse Jardim é mencionado na Enciclopédia Russa.

LOPAKHIN. [*Olha o relógio*] Se não pensarmos em nada, nem fizermos nada, então no dia 22 de agosto, tanto o cerejal, quanto toda a propriedade, serão vendidos. Se decidam logo! Eu juro que não existe outra saída, eu juro.

FIERS. Antigamente, quarenta ou cinquenta anos atrás, eles secavam as cerejas, as embebiavam e cortavam, faziam geleias, que eram usadas para...

GAÉV. Silêncio, Fiers!

FIERS. E agora, nós mandávamos cerejas secas para Moscou e Kharkiv. E dinheiro! E as cerejas secas eram tão macias, doces e tinham um aroma delicioso... Eles sabiam como fazer antigamente...

LIUBOV. E por que não fazem mais isso?

FIERS. Eles esqueceram. Ninguém mais se lembra.

PISCHIN. [*Para LIUBOV ANDRÊIEVNA*] E sobre Paris? Em? Você comeu rãs?

LIUBOV. Comi crocodilos.

PISCHIN. Não acredito?!

LOPAKHIN. Antes, nas vilas, existiam apenas os aristocratas e os trabalhadores, agora as pessoas que vivem nas cidades chegaram. Todas as cidades possuem vilas ao redor. As pessoas sentam-se na sua varanda e bebem chá, mas com o passar do tempo, vão querer cultivar seu próprio pedaço de terra, e então seu cerejal será um lugar mais feliz, rico, esplêndido...

GAÉV. [*Bravo*] Que ideia horrível!

Entra VÁRIA e IACHA.

VÁRIA. Tem dois telegramas para você, mamãezinha. [*Usa uma chave para abrir um antigo criado-mudo, a fechadura range alto*] Aqui estão.

LIUBOV. Elas são de Paris... [*Chora sem lê-las*] Paris é passado.

GAÉV. Sabe, Luluba, quão velha é essa estante? Na semana passada eu olhei embaixo da gaveta; encontrei uma data gravada a fogo. Essa estante têm cem anos! O que você acha disso? Hein? Nós deveríamos comemorar esse centenário. Ela não possui alma, mas mesmo assim, é uma estante linda!

PISCHIN. [*Atônito*] Cem anos... Quem diria!

GAÉV. Sim... Quem diria... [*Tocando delicadamente a estante*] Minha querida e honrada estante! Eu a saúdo pela vossa existência, que já é centenária e nos levou pelos brilhantes ideais do bem e da justiça; sua silenciosa e produtiva serventia nunca diminuiu em uma centena de anos, [*Chorando*] durante todo esse tempo, sustentou virtuosamente a fé em um futuro melhor para cada geração dessa família, educando-nos com o sentimento de bondade e conhecimento de consciência popular. [*Pausa.*]

LOPAKHIN. Sim...

LIUBOV. Você continua o mesmo de sempre, Leô.

GAÉV. [*Um pouco confuso*] A amarela na caçapa do canto. A bola branca vai pro meio da mesa...

LOPAKHIN. [*Olha o relógio*] Bom, hora de ir!

IACHA. [*Entrega o remédio de LIUBOV ANDRÊIEVNA*] A senhora tomará vossas pílulas agora?

PISCHIN. A senhora não tomará esses remédios, estimada madame. Eles não farão bem, nem mal... Dê-me os aqui, prezada madame. [*Pega o pote de pílulas, colocam todas na mão, assopra-as e toma todas, bebendo um gole de kvass*] Pronto!

LIUBOV. [*Assustada*] Você ficou louco!

PISCHIN. Eu tomei todas as pílulas.

LOPAKHIN. Mas que esfomeado! [*Todos riem.*]

FIERS. Eles estavam aqui na Semana Santa e comeram meio balde de pepinos... [*Resmunga.*]

LIUBOV. Com quem ele está falando?

VÁRIA. Ele está reclamando sozinho faz três anos. Já até acostumamos.

IACHA. Está definhando de velhice.

CHARLOTA IVANÓVNA *cruza o palco, vestida de branco, ela esta bastante magra com um laço bem apertado; Possui um lorgnette na cintura.*

LOPAKHIN. Com licença, Charlota Ivanóvna, não cumprimentei a senhora ainda. [*Tenta beijar sua mão.*]

CHARLOTA. [*Tira a mão*] Se eu deixar beijar minha mão, então irá querer beijar o cotovelo, ombros e então...

LOPAKHIN. Hoje é meu dia de sorte! [*Todos riem*] Mostre para nós um truque Charlota Ivanóvna!

LIUBOV. Charlota faça um truque.

CHARLOTA. Não será necessário. Vou para a cama. [*Sai.*]

LOPAKHIN. Bom, nos veremos em três semanas. [*Beija a mão de LIUBOV*] Agora, tchau, hora de ir. [*Para GAÉV*] Até logo. [*Beija PISCHIN*] *Au revoir.* [*Beija a mão de VÁRIA, então para FIERS e IACHA*] Eu não gostaria de ir embora. [*Para LIUBOV*]. Se você pensar no loteamento e decidir sobre isto, me avise, eu consigo um empréstimo de cinquenta mil rublos de uma vez só. Pense seriamente sobre isto.

VÁRIA. [*Nervosa*] Vai logo embora!

LOPAKHIN. Estou indo, estou indo... [*Sai.*]

GAÉV. Pretensioso! Oh, perdão minha sobrinha... Vária se casará com ele, é o futuro noivo dela.

VÁRIA. Para de falar nisso, titio.

LIUBOV. Porque não, Vária? Eu ficaria bastante feliz. Ele é um bom homem.

PISCHIN. Para ser honesto... Ele é um homem rico... E minha Dachenka... Também disse... Ela disse um monte de coisas. [*Dorme, ronca e acorda novamente*] Mas ainda assim estimada madame, seria possível você me emprestar... Duzentos e cinquenta rublos... Preciso pagar minha hipoteca amanhã...

VÁRIA. [*Apavorada*] Nós não temos nada! Não temos!

LIUBOV. É verdade. Não temos nada.

PISCHIN. Tudo bem [*Ri*] Eu nunca perco a esperança. Eu costumava a pensar “Tudo está perdido agora, sou um homem morto”, quando veio o governo e construiu a trilha do trem bem nas minhas terras... Me pagaram por isso. Algo vai acontecer hoje ou amanhã. Danchenka pode ganhar vinte mil rublos... Ela tem um bilhete de loteria.

LIUBOV. O café acabou, podemos ir dormir.

FIERS. [*Escova as calças de GAÉV; em um tom de insistência*] Você colocou as calças erradas de novo. O que eu faço com você?

VÁRIA. [*Sussurrando*] Ânã dormiu. [*Abre a janela silenciosamente*] O sol já nasceu; não está mais frio. Olhe mamãezinha: que árvores lindas! E o ar! Os pássaros já estão cantando!

GAÉV. [*Abre a outra janela*] O jardim está inteiro branco. Diz que você não esqueceu Luluba? Essa avenida, reta, reta como uma lança e que brilha em uma noite prateada de luar. Você se lembra? Você não se esqueceu não?

LIUBOV. [*Sai para o jardim*] Oh, minha infância, época da inocência! Nesse berçário eu costumava dormir; costumava a olhar daqui o jardim. A felicidade costumava me acordar toda manhã, e é exatamente como hoje em dia, nada mudou. [*Ri com muita alegria*] Está tudo branco! Oh, meu jardim! Depois dos outonos escuros e invernos frios, você feliz novamente, cheio de alegria, os anjos não te abandonaram... Se eu pudesse tirar o fardo pesado do meu peito e dos meus ombros, se eu pudesse esquecer o meu passado!

GAÉV. Sim, e será vendido este jardim para pagar as dívidas. É inacreditável!

LIUBOV. Olhe, é mamãe, morta indo para o jardim... Vestida de branco! [*Ri alegremente*] É ela.

GAÉV. Onde?

VÁRIA. Deus te abençoe mãezinha.

LIUBOV. Não tem ninguém ali; Pensei ter visto alguém. Na direita ali, perto da casa de veraneio, uma pequena árvore branca curvada, igualzinha uma mulher. [*Entra TROFÍMOV em um uniforme de estudante e com óculos*] Que jardim maravilhoso! Um montão de flores brancas, um céu azul...

TROFÍMOV. Liubov Andréievna! [*Ela olha para ele*] Eu apenas queria dizer que estou por aqui e já vou embora. [*Beija as mãos de LIUBOV calorosamente*] Disseram para eu esperar até amanhã de manhã, mas eu não tive paciência. [*LIUBOV ANDRÊIEVNA olha, surpresa.*]

VÁRIA. [*Chorando*] É o Pétia Trofímov.

TROFÍMOV. Pétia Trofímov, tutor do seu filho Grisha... Estou tão irreconhecível assim?

LIUBOV ANDRÊIEVNA *o abraça e chora suavemente.*

GAÉV. [*Confuso*] Já chega, já chega Luluba.

VÁRIA. [*Chorando*] Mas eu lhe disse Pétia, para esperar até amanhã.

LIUBOV. Meu Grisha... Meu menino... Grisha... Meu filho.

VÁRIA. O que poderíamos fazer mamãezinha? Foi a vontade de Deus.

TROFÍMOV. [*Carinhosamente, em meio às lágrimas*] Está tudo bem, está tudo bem.

LIUBOV. [*Ainda chorando*] Meu menino, está morto; afogado. Por quê? Por que, meu amigo?
[*Carinhosamente*] Ânã está dormindo. Eu falando alto, fazendo tanto barulho... Bem, Pétia? Por que você está tão feio? Por que envelheceu tanto?

TROFÍMOV. No trem, uma senhora chamou-me de velho carcomido.

LIUBOV. Você era um garotinho antes, um pequeno estudantezinho, e agora seu cabelo está horrível e usa óculos. É verdade que ainda é um estudante? [*Vai para a porta.*]

TROFÍMOV. Creio que sempre serei um estudante.

LIUBOV. [*Beija GAÉV, depois VÁRIA*] Bem, hora de ir para a cama... E você também Leônid, não seja criança.

PISCHIN. [*Segue LIUBOV*] Sim, temos que ir dormir... Ai minha gota! Eu ficarei esta noite aqui. Mas gostaria que... Liubov Andrêievna, estimadíssima, poderia me emprestar duzentos e quarenta rublos amanhã de manhã?

GAÉV. Sempre a mesma história!

PISCHIN. Duzentos e quarenta rublos... Para pagar os juros e a hipoteca.

LIUBOV. Eu não tenho dinheiro algum, caro amigo.

PISCHIN. Eu lhe pagarei... É uma quantia tão pequena...

LIUBOV. Bem, então, Leônid dará para você... Leônid dê o dinheiro a ele.

GAÉV. Só o que faltava; fecha essa mão um pouco.

LIUBOV. Por que não? Ele quer; e vai pagar depois.

LIUBOV, TROFÍMOV, PISCHIN, e FIERS *saem*. GAÉV, VÁRIA e IACHA *ficam*.

GAÉV. Minha irmã não perde o hábito de torrar o dinheiro. [*Para IACHA*] Cai fora; você fede galinha.

IACHA. [*Sorri*] Você é o mesmo de sempre, Leônid Andreiêvitch.

GAÉV. Verdade? [*Para VÁRIA*] O que ele está dizendo?

VÁRIA. [*Para IACHA*] Sua mãe veio da vila; ela está sentada lá no quarto dos criados desde ontem, e quer vê-lo...

IACHA. Só o que faltava!

VÁRIA. Olha como fala, homem sem vergonha.

IACHA. Inútil a vinda dela tão cedo. Ela poderia ter vindo amanhã. [*Sai.*]

VÁRIA. Mamãe não se conserta, ela continua a mesma de sempre. Daria tudo que temos, sem dó, se essa ideia simplesmente passasse pela sua cabeça.

GAÉV. Sim... [*Pausa*] Eu particularmente acredito que: se para uma doença existem muitos remédios, pode ter certeza que é incurável. Eu penso noite e dia, tenho vários remédios, muitos, um monte, ou seja: nenhum. Poderíamos herdar uma fortuna de alguém, ou casar a Ânía com um rapaz bem rico, também seria interessante ir para Iaroslav e conversar com minha tia, a Condessa. Minha tia sim, é muito, muito rica.

VÁRIA. [*Chorando*] Só Deus para nos ajudar.

GAÉV. Não chore. Minha tia é muito rica, mas não gosta de nós. Minha irmã, em primeiro lugar, casou-se com um advogadozinho, não um homem nobre... [*ÂNIA aparece na porta*] Ela não apenas se casou com um homem de classe inferior, mas ela mesma começou a se comportar de um jeito que eu nem descreveria como “apropriado”. Ela é adorável, gentil e charmosa, e sou muito apegado a ela, mas por mais que eu saliente suas virtudes, preciso admitir sua imoralidade, posso sentir em cada movimento dela.

VÁRIA. [*Sussurrando*] Ânía está na porta.

GAÉV. Sério? [*Pausa*] Nossa, que estranho, algo entrou no meu olho direito... Não estou enxergando bem... E na quinta, quando eu estava no tribunal...

Entra Ânía.

VÁRIA. Por que não está na cama, Ânía?

ÂNIA. Não consigo dormir.

GAÉV. Minha querida! [*Beija o rosto e as mãos de Ânía*] Minha criança... [*Chorando*] Você não é minha sobrinha, é meu anjo, você é meu tudo... Diz que acredita, diz...

ÂNIA. Eu acredito em você, titio. Todo mundo te ama e respeita o senhor... Mas titio querido, você deveria ficar quieto, não falar tanto. O que você estava dizendo agora mesmo de minha mãe, sua própria irmã? Por que disse aquelas coisas todas?

GAÉV. Sim, sim [*Cobre seu rosto com as mãos de ÂNIA*] Sim, realmente, foi horrível. Eu não tenho salvação. Agora mesmo, fiz um discurso para essa estante... Foi tão bobo! E somente quando eu terminei, percebi quão bobo estava sendo aquilo.

VÁRIA. Sim, titio querido, você deveria mesmo falar menos. Fica quietinho, é melhor.

ÂNIA. Você seria tão mais feliz se ficasse quieto.

GAÉV. Está certo, ficarei quieto. [*Beija as mãos de ambas*] Eu ficarei quieto. Mas falemos de negócios. Na quinta eu estava no tribunal e tinha um monte de gente lá, começamos a conversar disso, aquilo, daquele outro e agora eu acho que posso arrumar um empréstimo para pagarmos os juros do banco.

VÁRIA. Se Deus quiser!

GAÉV. Terça eu volto lá. Falarei com eles novamente. [*Para VÁRIA*] Para de lamentar. [*Para ÂNIA*] Sua mãe falará com Lopakhin, ele claro, não negará nada a ela... E você quando estiver descansada visitará a condessa em Iaroslav, sua tia-avó. Daremos três tacadas ao mesmo tempo, uma bola encaçapamos, estaremos seguros. Vamos pagar os juros, estou certo disso. [*Põe uma jujuba na boca*] Eu juro pela minha honra, ou qualquer coisa que quiserem, que essa propriedade não será vendida! [*Animadamente*] Eu juro pela minha felicidade! Aqui, está minha mão. Vocês podem me chamar de mal caráter, calhorda se essa casa for para leilão! Eu juro pelo meu último fio de cabelo!

ÂNIA. [*Calma e feliz novamente*] Você é tão bom e esperto, titio. [*Abraça ele*] Eu estou feliz agora! Estou feliz! Está tudo bem!

Entra FIERS.

FIERS. [*Em tom de censura*] Leônid Andreiêvitch, não teme mais a Deus? Ainda não foi para a cama?

GAÉV. Estou indo, estou indo. Vai na frente, Fiers, eu me dispo sozinho. Bem, crianças, tchauzinho...! Eu darei todos os detalhes amanhã, mas vamos para a cama agora. [*Beija ÂNIA e VÁRIA*] Eu sou um homem da década de oitenta, época do Czar Alexandre III... As pessoas não gostam muito daquele tempo, mas eu posso dizer que sofri pelo que eu acreditava. Os camponeses não me amam à toa, eu lhes garanto. Precisamos saber lidar com os camponeses! Devemos aprender a...

ÂNIA. Você está fazendo aquilo de novo, tio!

VÁRIA. Quietinho, titio!

FIERS. [*Irritado*] Leônid Andreiêvitch!

GAÉV. Estou indo, estou indo... Vou dormir agora. Três bolas bem na boca da caçapa! Eu me viro e me preparo para uma tacada...

Sai. FIERS vai atrás de LEÔNID.

ÂNIA. Estou tranquila agora. Eu não quero ir a Iaroslav, eu não gosto da condessa; mas estou calma agora; graças ao titio. [*Senta-se*]

VÁRIA. Hora de nanar. Vamos. Tivemos uns dissabores aqui enquanto você estava fora. Na ala dos criados, como você sabe, apenas os velhos vivem lá - o pequeno e velho Efim, Polia e Evstignei, e Karp também. Eles deixaram uns vagabundos passar a noite aqui - Eu não disse nada. Então eu fiquei sabendo que eles dizem que eu ordenei a alimentá-los apenas com ervilha! Que eu sou mesquinha, veja você... E era o Evstignei que falava isso... Muito bem, pensei: “Se é assim então, espere só”. Então eu chamei Evstignei... [*Boceja*] Ele veio. “O que foi?”, eu disse, “Evstignei, seu velho safado...” [*Olha ÂNIA*] Anitinha! [*Pausa*] Ela dormiu... [*Segura o braço de ÂNIA*] Vamos nanar... Venha!... [*Carrega ela*] Minha queridinha dormiu! Venha... [*Elas saem. Distante, do outro lado do Jardim, um pastor toca sua flauta. TROFÍMOV cruza o palco e pára vendo VÁRIA e ÂNIA*] Xiu! Ela dormiu, dormiu. Venha querida.

ÂNIA. [*Falando baixo, meio dormindo*] Estou tão cansada... Todos os sinos... Titio, querido! Mamãe e titio!

VÁRIA. Venha querida, venha querida! [*Entram no quarto de ÂNIA*]

TROFÍMOV. [*Comovido*] Meu sol! Minha primavera!

Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO

No campo. Um antigo, santuário arqueado que está abandonado há um bom tempo; perto, existem grandes pedras, que aparentemente são velhos túmulos, e um velho banco no jardim. Na estrada, é possível ver a morada de GAÉV. Em um dos lados existem vários álamos negros, neste ponto começa o jardim das cerejeiras. Á distância: uma porção de postes de telégrafos e longe, muito longe, no horizonte, sinais de uma grande cidade em névoa, que só poderá ser vista claramente em um dia ensolarado e claro. Está próximo do pôr do sol. CHARLOTA, IACHA, e DUNIACHA estão sentadas no banco. IEPIKHODOV de pé, toca um violão; todos parecem pensativos. CHARLOTA veste um velho quepe; ela tem um rifle nos ombros e está apertando a fivela na cinta.

CHARLOTA. [*Pensativa*] Eu não tenho RG¹. Não sei quantos anos tenho, acho que sou nova. Quando eu era uma garotinha, meu pai e minha mãe costumavam a ir em feiras e faziam performances ótimas, eu costumava a fazer um salto mortal e várias outras coisinhas. Quando mamãe e papai morreram, uma senhora alemã me adotou e me ensinou tudo. Eu gostei. Cresci e virei uma governanta. De onde eu vim e quem eu sou, não sei... Quem meus pais eram - talvez eles não eram casados - não sei. [*Pega um pepino do bolso e come*] Não sei nada. [*Pausa*] Eu quero falar, mas não tenho ninguém para conversar... Não tenho ninguém mesmo.

IEPIKHODOV [*Tocando o violão e cantando*]

“O que me importa o barulho do mundo,
Ou quem são meus amigos ou inimigos?”
Ah, como é prazeroso tocar esse bandolim.

DUNIACHA. Isso é um violão, não um bandolim. [*Passa pó de maquiagem em frente a um espelho.*]

IEPIKHODOV. Para um homem loucamente apaixonado, isso é um bandolim. [*Canta.*]

“Oh, então o coração estava aquecido,
Por todo o calor de uma paixão recíproca.”

IACHA *canta junto*.

CHARLOTA. Essas pessoas cantam terrivelmente mal... Foo! Parecem chacais uivando.

DUNIACHA. [*Para IACHA*] Deve ser bom morar no exterior.

IACHA. Sim, certamente. Não posso discordar de você. [*Boceja e acende um charuto.*]

IEPIKHODOV. Isso é perfeitamente claro. No estrangeiro, todas as coisas estão na complexidade máxima.

IACHA. Certamente.

IEPIKHODOV. Sou um homem culto, já li livros incríveis, porém dúvida que sempre permeia meus pensamentos, hei-a: viver ou dar um tiro na cabeça? Em qualquer caso, eu sempre porto um revólver comigo, aqui está. [*Mostra o revólver.*]

CHARLOTA. Estou farta. Agora vou embora. [*Coloca o rifle no ombro*] Você, Iepikhodov, é um homem muito esperto e muito assustador; as mulheres devem cair de amores por você. Brrr!! [*Saindo*] Esses homens espertos são todos estúpidos. Eu não tenho ninguém para conversar. Estou sempre sozinha, sozinha; Não tenho ninguém mesmo... E eu não sei quem eu sou ou que é que estou fazendo ainda viva. [*Sai lentamente.*]

IEPIKHODOV. O fato é, independente de tudo, eu devo expressar minhas impressões, onde sob todos aspectos o destino tem sido impiedoso comigo, assim como uma tempestade é com um pequeno barco. Vamos supor, apenas como exercício de imaginação, que eu esteja errado. Então porque hoje de manhã, por exemplo, eu acordei em companhia de uma aranha desta monstruosa proporção no meu peito? [*Usa ambas as mãos para mostrar o tamanho*] Fui então beber um kvass, para me acalmar, e encontrei dentro da garrafa uma desprezível e inescrupulosa criatura, algo como um besouro? [*Pausa*] Já leram Buckle, o historiador inglês? [*Pausa*] Eu preciso lhe incomodar um minuto, Avdótia Fedoróvna, para duas palavrinhas.

DUNIACHA. Pode dizer.

IEPIKHODOV. Eu prefiro, falar com você a sós. [*Suspira*]

DUNIACHA. [*Envergonhada*] Muito bem, traga então meu casaco... Está na dispensa. Está um pouco úmido aqui.

IEPIKHODOV. Muito bem... Trá-lo-ei... Agora eu sei o que fazer com meu revólver. [*Sai com o violão, tocando.*]

IACHA. Vinte-e-duas desgraças! Só entre nós, mas ele é uma besta. [*Boceja.*]

DUNIACHA. Rezo a Deus para que ele não se mate. [*Pausa*] Estou tão nervosa, estou preocupada. Eu comecei a servir esta residência quando eu era bem pequena e agora, não estou mais acostumada à vida de servo comum. E minhas mãos são tão brancas, como as de uma dama. Sou tão delicada e sensível, com medo de qualquer coisa... Estou tão assustada. Eu não sei o que vai acontecer com meus nervos se você me enganar, Iacha.

IACHA. [*Beija-a*] Meu pepinozinho lindo! Claro, uma garota precisa se dar ao respeito; não existe nada que me causa mais desgosto do que uma mulher que não sabe se comportar!

DUNIACHA. Estou perdidamente apaixonada por você; você é educado e sabe falar sobre tudo. [*Pausa.*]

IACHA. [*Bocejando*] Sim. Eu penso assim: se uma garota se apaixona por qualquer um, então ela não presta. [*Pausa*] Como é bom fumar um charuto ao ar livre... [*Escuta*] Alguém está vindo. É a madame e os outros. [DUNIACHA *abraça-o subitamente*] Vá para casa, como se você tivesse vindo de um banho do rio; vai por este caminho aqui ou eles vão te encontrar e achar que estávamos em um encontro. Não quero que pensem esse tipo de coisa.

DUNIACHA. [*Tosse baixinho*] Este charuto me deu uma dor de cabeça.

Sai. IACHA espera sentado perto do santuário. Entra LIUBOV ANDRÊIEVNA, GAÉV, e LOPAKHIN.

LOPAKHIN. Você precisa se decidir logo - não temos tempo a perder. A situação já está completamente planejada. Você pretende dividir o terreno em vilas ou não? Apenas uma palavrinha, “sim” ou “não”? Apenas uma palavra!

LIUBOV. Quem estava fumando um charuto horrível aqui? [*Senta-se*]

GAÉV. Eles construíram a estrada de ferro aqui perto, agora este lugar está realmente acessível. [*Senta*] Fomos para a cidade almoçar... Vermelha no centro! Poderíamos ir para casa jogar uma partidinha.

LIUBOV. Você terá muito tempo para jogar.

LOPAKHIN. Apenas uma palavra! [*Implorando*] Fala alguma coisa!

GAÉV. [*Boceja*] O que ele está falando?

LIUBOV. [*Olha na bolsa*] Eu tinha um monte de dinheiro ontem, mas agora tenho pouco. Minha pobre Vária alimentando todo mundo com sopa de ervilha para economizar, na cozinha, os mais velhos só comem feijão, e eu gastando sem dó. [*Derruba a bolsa, espalhando moedas de ouro*] Olha ai, agora caiu por toda parte.

IACHA. Permita-me pega-las madame. [*Recolhe as moedas*]

LIUBOV. Obrigada, Iacha. E porque tivemos que ir até lá almoçar?... Um restaurante repugnante com a banda e as mesas cheirando sabão... Por que você teve que beber tanto Leô? Por que teve que comer tanto? Por que teve que falar tanto? Você foi prolixo novamente e o motivo da conversa: sobre a década de setenta e os poetas franceses decadentes. E para quem? Falava com os garçons sobre os decadentes!

LOPAKHIN. Sim.

GAÉV. [*Gesticula com a mão*] Sou irremediável mesmo... [*Irritado, fala com IACHA*] O que foi? Por que você está se contorcendo na minha frente?

IACHA. [*Rindo*] Não posso escutar sua voz sem rir.

GAÉV. [*Para LIUBOV*] Luluba, ou é ele ou eu...

LIUBOV. Vai embora, vai Iacha.

IACHA. [*Entrega a bolsa para LIUBOV*] Vou-me de uma vez. [*Tendo dificuldades para esconder a risada*] Neste instante... [*Sai.*]

LOPAKHIN. Deriganov, aquele ricoço, está se preparando para comprar sua propriedade. Ele disse que estaria pessoalmente no leilão.

LIUBOV. De onde você escutou isso?

LOPAKHIN. É o que estão dizendo na cidade.

GAÉV. Nossa tia de Iaroslav prometeu nos mandar um dinheiro, mas eu não sei quando nem quanto.

LOPAKHIN. Quanto ela mandaria? Cem mil rublos? Duzentos talvez?

LIUBOV. Eu ficaria feliz se fosse dez ou quinze mil.

LOPAKHIN. Vocês devem me desculpar, mas nunca vi pessoas mais frívolas que as desta família, digo mais, são incrivelmente estúpidos para negócios. Eu estou falando claramente que a propriedade será vendida e vocês parecem não compreender.

LIUBOV. O que você quer eu faça? Fale! O quê?

LOPAKHIN. Eu falo para vocês todos os dias. Todos os dias eu falo a mesma coisa. Tanto o cerejal quanto as terras, precisam ser loteadas para criação de vilas, imediatamente - o leilão está bem no seu nariz: Entenda! Uma vez que o terreno for loteado, vocês terão quanto dinheiro quiserem e estarão salvos.

LIUBOV. Vilas, arrendatários - Perdoe-me, mas isso é tão vulgar.

GAÉV. Concordo plenamente.

LOPAKHIN. Eu vou chorar, gritar ou desmaiar. Não posso aguentar! Eu não aguento vocês! [*Para GAÉV*] Sua velha!

GAÉV. É mesmo!?

LOPAKHIN. Velha! [*Saindo.*]

LIUBOV. [*Assustada*] Não, não vá. Fique; meu caro. Por favor. Talvez possamos encontrar algum jeito!

LOPAKHIN. Essa é boa!

LIUBOV. Por favor, não vá embora. Eu gosto da sua companhia... [Pausa] Eu continuo achando que algo vai acontecer, como se a casa fosse desabar em nossa cabeça.

GAÉV. [Profundamente pensativo] Duas empacadas no canto... Cruza a verde no centro...

LIUBOV. Nós pecamos muito...

LOPAKHIN. Quais pecados você cometeu?

GAÉV. [Coloca uma jujuba na boca] Dizem por ai que meu pecado é gastar toda minha fortuna em jujubas. [Ri]

LIUBOV. Oh, meus pecados... Eu sempre torrei todo meu dinheiro sem me controlar, gastei feito uma louca, e casei com um homem que o único talento que tinha era fazer dívidas. Meu marido morreu de champanhe - Ele bebia muito - e para meu azar, me apaixonei por outro homem e fugi com ele, então veio minha primeira punição, como um tiro me acertou bem aqui, na minha cabeça - neste rio... Meu menino se afogou, e eu fugi, fugi para longe, muito longe, para nunca mais ver esse rio novamente... Eu fechei meus olhos e corri sem olhar para trás, mas *ele* me seguiu... Implacável, sem respeito algum. Eu comprei a vila perto de Mentone porque ele me pediu, e depois de três anos eu não tinha descanso, dia e noite esse homem doente me esgotou, secou minha alma. Ano passado, quando minha vila foi vendida para pagar minhas dívidas, fui para Paris, lá ele roubou tudo que me restava e me largou para fugir com outra mulher. Eu tentei me envenenar... Era tão tola, vergonhoso... E subitamente eu desejava voltar para a Rússia, minha terra natal, com minha filhinha. [Limpa as lágrimas] Deus, Deus tenha piedade de mim, perdoe meus pecados! Não me puna mais! [Tira um telegrama do bolso] Recebi essa hoje, vem de Paris... Ele implora perdão, pede para que eu volte... [Enxuga as lágrimas] O que é isso que escuto? Música? [Escuta.]

GAÉV. É nossa célebre banda judia. Quatro violinos, uma flauta e um contrabaixo.

LIUBOV. Ainda existe? Seria ótimo se fizéssemos uma festa com eles alguma tarde.

LOPAKHIN. [Escuta] Eu não ouço nada... [Canta baixo] “Por dinheiro os alemães vão transformar russos em franceses.” [Ri] Eu vi uma peça absurdamente engraçada no teatro ontem a noite.

LIUBOV. Tenho certeza que não tinha nada de engraçado. Você não deveria ver peças, você deveria dar uma olhada em você mesmo. Olha a vida cinza que você possui, o tanto de saliva que gasta desnecessariamente.

LOPAKHIN. É verdade. Para falar a absoluta verdade, nossa vida é patética. [Pausa] Meu pai era um camponês, um idiota, não sabia nada, não me ensinou nada, estava sempre bêbado e sempre me dava uma surra de vara. O fato é, acabei me tornando um tolo idiota também. Nunca aprendi nada, minha letra é horrível, eu tenho tanta vergonha de escrever na frente dos outros... Escrevo como um porco!

LIUBOV. Você deveria se casar, meu amigo.

LOPAKHIN. Sim... Isso é verdade.

LIUBOV. Por que não se casa com nossa Vária? Ela é um doce.

LOPAKHIN. Sim.

LIUBOV. Ela é bastante caseira, trabalha dia e noite e o mais importante, ela está apaixonado por você. E você gosta dela faz um bom tempo.

LOPAKHIN. Bem? Realmente... Ela é uma boa pessoa. [*Pausa.*]

GAÉV. Ofereceram-me uma vaga em um banco. Seis mil rublos por ano... Ouviram?

LIUBOV. Banco? Só se for para sentarmos, esqueça isso...

Entra FIERS com um casaco.

FIERS. [*Para GAÉV*] Por favor, senhor, coloque isto, está úmido.

GAÉV. [*Coloca o casaco*] Você enche o saco em velho.

FIERS. Está tudo bem... Você saiu sem falar comigo hoje de manhã. [*Examinando GAÉV.*]

LIUBOV. Como você envelheceu, Fiers!

FIERS. Quer o que madame?

LOPAKHIN. Ela disse que você envelheceu!

FIERS. Eu estou vivo já há bastante tempo. Já estavam tentando me casar antes do seu pai estar vivo... [*Ri*] E quando a abolição veio, eu já era o criado principal do amo. Só eu não concordei com a abolição e continuei meu trabalho... [*Pausa*] Todos estavam felizes, mas nem sabiam do porquê.

LOPAKHIN. [*Ironicamente*] Era tão bom antigamente, não faltava chicote para ninguém.

FIERS. [*Sem escutar*] Bastante. Os camponeses sabiam seu lugar. Amo era amo e servo era servo, mas agora está uma bagunça, você não sabe quem é quem.

GAÉV. Cala a boca, Fiers. Irei para a cidade amanhã. Um general prometeu me emprestar um dinheiro para pagarmos a hipoteca.

LOPAKHIN. Não dará em nada isso. E você não vai pagar nem os juros, não se preocupe.

LIUBOV. Ele está falando bobagens. Não existe General algum.

Entra TROFIMOV, ÂNIA, e VÁRIA.

GAÉV. Aqui estão.

ÂNIA. Sente-se aqui mamãe.

LIUBOV. [*Ternamente*] Venham, venham, minhas queridas... [*Abraça ÂNIA e VÁRIA*] Se vocês soubessem como eu amo as duas. Sentem-se perto de mim, assim. [*Todos se sentam.*]

LOPAKHIN. Olha só, nosso eterno estudante sempre com as garotas.

TROFÍMOV. Isso não é da sua conta.

LOPAKHIN. Em breve terá cinquenta anos e ainda continuará sendo um estudante.

TROFÍMOV. Ha-ha, você e suas piadinhas bestas!

LOPAKHIN. Está nervosinho, é?

TROFÍMOV. Cala a boca, não consegue não?

LOPAKHIN. [*Ri*] Eu fico pensando, o que será que você pensa de mim?

TROFÍMOV. Eu penso, Iermolai Alexeiêvitch, que você é um homem rico, em breve será milionário. Você me lembra uma besta selvagem, que devora tudo pela frente... Convertendo em excremento.

[*Todos riem.*]

VÁRIA. Melhor falar algo sobre planetas, Pétia.

LIUBOV. Não, voltaremos ao assunto de ontem!

TROFÍMOV. Sobre o que, mesmo?

GAÉV. Sobre o orgulho humano.

TROFIMOV. Ontem conversamos um bom tempo mas não concluímos nada no final. Vocês veem algo místico quando falamos sobre o orgulho humano. Talvez estejam certo do ponto de vista de vocês, mas se virmos de um ponto de vista simplesmente material, sem complicações, então que orgulho pode ser isso, que sentido pode ter, já que, o homem é imperfeito, fisiologicamente falando, na maioria dos casos é

grosseiro e idiota, além de ser profundamente infeliz? Temos que parar de ficar admirando uns aos outros. Precisamos trabalhar, apenas isso.

GAÉV. Para que? No final, todos morremos.

TROFÍMOV. Quem sabe? E o que significa a morte afinal? Talvez o homem possua cem sentidos, e quando morre apenas os cinco conhecidos são destruídos e os outros noventa e cinco são despertados.

LIUBOV. Como você é esperto Pétia!

LOPAKHIN. [*Irônico*] Terrivelmente esperto!

TROFÍMOV. A raça humana progride, aperfeiçoando seus poderes. Tudo que é inatingível agora, um dia resolveremos e será fácil e compreensível, mas precisamos trabalhar, precisamos usar todas as forças que temos para construirmos nosso destino. Na Rússia, poucos trabalham. A maioria dos intelectuais simplesmente não busca nada, faz nada e é incapaz de trabalho duro. Eles se auto intitulam “intelectuais”, mas usam palavras difíceis para seus servos como “tu”!! Tratam os empregados como animais, aprendem mal, não leem nada de útil, não fazem absolutamente nada, sobre ciência apenas fingem que sabem, sobre arte, entendem pouco. São todos sérios, fazem rostos pensativos e severos e não falam nada de útil. Eles filosofam enquanto a maioria de nós, pelo menos noventa e cinco por cento vivemos como selvagens, lutando e desperdiçando cada oportunidade, comendo como porcos, dormindo na sujeira, com pulgas, fedendo, com uma moral corrompida, etc... Além disso é óbvio que essa conversa agradável só serve para nos distrairmos e distrair outrem. Diga-me, onde estão as creches que tanto falam? E as bibliotecas? Pessoas fazem um romance sobre elas, mas elas não existem. Apenas sujeira, vulgaridade, preguiça asiática, isso sim existe... Acho. Não gosto de conversas sérias. Deveríamos nos calar, seria mais produtivo.

LOPAKHIN. Sabe, eu acordo todo dia cinco da madrugada, trabalho de manhã até a tarde, estou sempre lidando com dinheiro - o meu próprio e de outras pessoas - eu vejo como as pessoas são de verdade. Nem é preciso fazer muita coisa para começarmos a ver quão poucas pessoas honestas e honradas existem. Algumas vezes, quando não consigo dormir, eu penso: “Deus, você fez florestas enormes, planícies infinitas, horizontes intermináveis, e nós, vivendo aqui, deveríamos ser gigantes!”

LIUBOV. Gostaria de ser gigante?... Eles são bons apenas em histórias e mesmo nelas, são assustadores.

IEPIKHODOV *passa longe do palco tocando seu violão.*

ÂNIA. [*Pensativa*] Iepikhodov está ali.

GAÉV. O sol se pôs, senhoras e senhores.

TROFÍMOV. Sim.

GAÉV. [*Não muito alto, como se declamasse*] Oh Natureza, tu és maravilhosa, tu brilhas eternamente em todo seu esplendor! Oh, maravilhosa e implacável sem igual, tu que chamamos de mãe, tu controlas a existência e a morte, tu que matas e permite novas vidas...

VÁRIA. [*Implorando*] Titio!

ÂNIA. Titio, você está fazendo de novo!

TROFÍMOV. Seria melhor encaçapar a vermelha.

GAÉV. Tá bem, tá bem, ficarei quieto.

Todos eles sentam-se pensativos. Está silêncio. O único barulho é do FIERS resmungando. Subitamente um som distante vindo do céu, um som de uma corda se rompendo, que vai morrendo tristemente.

LIUBOV. O que foi isso?

LOPAKHIN. Eu não sei. Talvez alguma caçamba caiu lá longe em algum lugar. Mas foi muito longe.

GAÉV. Ou talvez foi algum tipo de pássaro... Como uma garça.

TROFÍMOV. Ou uma coruja.

LIUBOV. [*Estremecendo*] De qualquer forma, é desagradável. [*Uma pausa.*]

FIERS. Aconteceu a mesma coisa logo antes da desgraça. Uma coruja piou e o samovar cantava sem parar.

GAÉV. Antes de qual desgraça?

FIERS. Antes da Abolição. [*Uma pausa.*]

LIUBOV. Sabem, meus amigos, vamos embora; já está tarde agora. [*Para ÂNIA*] Vejo lágrimas em seus olhos... O que foi, pequenina? [*Abraça-a*]

ÂNIA. Nada, mamãe.

TROFÍMOV. Alguém está vindo.

Entra um VAGABUNDO com um quepe branco e um sobretudo. Está um pouco bêbado.

VAGABUNDO. Me desculpem, seguindo esse caminho eu vou direto para a estação?

GAÉV. Sim, só seguir o caminho.

VAGABUNDO. Obrigado do fundo do meu coração. [*Soluçando*] Tempo amável... [*Declamando*] “Meu irmão, sofrível irmão...” “Venha comigo até o Volga, onde gemeremos...” [*Para VÁRIA*] Madame, poderia ajudar um russo esfomeado com trinta copeques...

VÁRIA *grita, assustada.*

LOPAKHIN. [*Nervoso*] Já está abusando das boas maneiras!

LIUBOV. [*Precipitando-se*] Tome isto... Aqui está... [*Tateia a bolsa*] Não temos pratas... Não importa, aqui está: ouro.

VAGABUNDO. Estou profundamente agradecido! [*Sai. Rindo sozinho*]

VÁRIA. [*Assustada*] Estou indo embora, indo embora... Oh, mamãezinha, não temos nada em casa para os criados comerem e você dando ouro.

LIUBOV. Não acredito que fiz isso, que tola sou! Em casa lhe darei tudo que tenho. Iermolai Alexeiêvitch me emprestará mais!...

LOPAKHIN. Muito bem.

LIUBOV. Hora de ir. Vária, já arrumamos seu casamento; dou meus parabéns

VÁRIA. [*Chorando*] Você não deveria brincar com essas coisas, mãe.

LOPAKHIN. “Ofélia, recolhe-te a um convento.”

GAÉV. Minhas mãos estão tremendo; não jogo bilhar faz um bom tempo.

LOPAKHIN. “Ofélia, ninfa, em tuas preces, lembra teus pecados.”

LIUBOV. Vamos logo, em breve será a hora de cear.

VÁRIA. Ele me assustou. Meu coração está batendo forte.

LOPAKHIN. Senhoras e senhores, devo lembrá-los que no dia 22 de agosto o cerejal será vendido. Pensem nisso!... Pensem nisso!...

Todos saem, exceto TROFÍMOV e ÂNIA.

ÂNIA. [*Rindo*] Graças ao vagabundo que assustou Bárbara, estamos enfim a sós agora.

TROFÍMOV. Vária tem medo de que possamos nos apaixonar um pelo outro e por isso não dá uma brecha para nós por dias. O cérebro pequeno dela não permite entender que estamos acima do amor. Escaparmos dessas coisas mesquinhas e mentirosas que não permitem sermos livres e felizes, este é o objetivo e significado de nossas vidas. Avante! Avançaremos irreversivelmente em direção à estrela reluzente que brilha logo ali! Não fique para trás amigos!

ÂNIA. *[Batendo palmas]* Você fala tão bonito! *[Pausa]* Está um dia maravilhoso hoje!

TROFÍMOV. Sim, o tempo está ótimo.

ÂNIA. O que você fez comigo, Pétia? Eu não amo mais o jardim das cerejeiras como eu amava. Eu era tão profundamente apegada à ele, pensava que não existia lugar melhor que nosso cerejal.

TROFÍMOV. A Rússia toda é seu cerejal. A terra é linda e grande, existem muitos lugares maravilhosos aqui. *[Pausa]* Pense Ânía, seu avô, seu bisavô, e todos seus ancestrais foram donos de escravos, eles possuíam e dominavam almas vivas; e agora, não parece que tem olhos das almas em cada cereja, cada folha e cada tronco desse cerejal? Oh, é horrível, seu cerejal é terrível: e quando de tarde ou a noite andamos pelo cerejal, as cascas das árvores reluzem um brilho fraco e as velhas cerejeiras parecem estar sonhando com tudo que acontecia cem, duzentos anos atrás, horrorizadas com sua visão retorcida. Ainda que, de qualquer forma, deixamos estes duzentos anos para trás. E até agora não mudamos nada - não conhecemos nosso próprio passado que nos acompanha - apenas filosofamos, reclamamos aborrecidos, ou bebemos vodca. Por mais claro que seja que para começarmos a viver no presente, primeiro temos que compreender o passado, superá-lo. E isso só pode ser feito através do sofrimento, pelo trabalho árduo e ininterrupto. Entenda isso, Ânía.

ÂNIA. A casa que vivemos não nos pertence mais; devo ir embora. Dou minha palavra.

TROFÍMOV. Se você possui as chaves da casa, jogue elas em um poço e vamos. Livres como o vento.

ÂNIA. *[Entusiasmada]* Que incrível isso que você falou!

TROFÍMOV. Acredite em mim, Ânía, acredite! Eu não tenho nem trinta anos ainda, sou jovem, ainda sou um estudante, mas eu já sofri várias provações! Assim que o inverno começa, fico com fome, doente, tremendo, pobre como um mendigo e não existe lugar onde não estive - sofri provações do destino em todos lugares! Mas eu sou dono da minha alma; cada minuto do dia e da noite é preenchido com pressentimentos que não são possíveis de verbalizar. Eu sei que a felicidade está chegando, Ânía, Eu já a vejo...

ÂNIA. *[Pensativa]* A lua está nascendo.

Escuta-se IEPIKHODOV tocando a mesma música triste em seu violão. A lua nasce. Em algum lugar entre os álamos, VÁRIA está procurando por ÂNIA e chamando, “ÂNIA, onde você está?” (fora de cena)

TROFÍMOV. Sim, a lua nasce. [*Pausa*] A felicidade está aqui, está chegando; está cada vez mais perto; já escuto seus passos. E se nunca a vermos, nunca a conheceremos, o que importa? Outros vão experimentá-la!

VOZ DE VÁRIA. Ânã! Onde você está?

TROFÍMOV. É a Vária de novo! [*Irritado*] Infame!

ÂNIA. Não se importe. Vamos para o rio. Está bonito lá.

TROFÍMOV. Vamos. [*Saem.*]

VOZ DE VÁRIA. Ânã! Ânã!

Fim do segundo ato.

TERCEIRO ATO

Uma sala de estar, um arco separa-a da sala de visitas. Um lustre aceso. A banda judia, mencionada no segundo ato, pode ser escutada do salão de festas. Período da tarde. Na sala de visitas, muita gente dançando em uma espécie de quadrilha. Escuta-se SIMEONOV-PISCHIN gritando “Promenade a une paire!”. Dançarinos entram na sala de estar; o primeiro par são PISCHIN e CHARLOTA IVANÓVNA; segundos, TROFÍMOV e LIUBOV ANDRÊIEVNA; terceiros ÂNIA e o OFICIAL DOS CORREIOS; quartos, VÁRIA e o CHEFE DA ESTAÇÃO, entre outros. VÁRIA está chorando baixinho e limpa as lágrimas enquanto dança. DUNIACHA está na última posição dos pares. Eles cruzam o salão, PISCHIN gritando “Grand rond, balancez” e “Les cavaliers à genou et remerciez vos dames!”. FIERS, usando um casaco, carrega água mineral em uma bandeja. Entra PISCHIN e TROFÍMOV na sala de visitas.

PISCHIN. Eu sou um puro-sangue e já tive dois derrames; É difícil para mim, dançar, mas como dizem, se você está em Roma, deve fazer o mesmo que um romano. Eu tenho a força de um cavalo. Meu pai, que morreu, que gostava de uma boa brincadeira, onde dizia que nossos ancestrais, os Simeonov-Pischins eram descendentes de um cavalo idêntico à aquele que o Calígula nomeou senador... [Senta] Mas o problema é: não tenho dinheiro! Cavalo com fome, só acredita em alfafa. [Ronca e acorda subitamente] Então eu... Só acredito em dinheiro...

TROFÍMOV. Sim. O senhor de fato tem cara de equino.

PISCHIN. Bem... Cavalos são animais incríveis... Você pode até vender um cavalo.

Escuta-se uma partida de bilhar na sala ao lado. VÁRIA aparece sob o arco que separa do salão de visitas.

TROFÍMOV. [Caçoando] Madame Lopakhin! Madame Lopakhin!

VÁRIA. [Irritada] Velho decrepito!

TROFÍMOV. Sim, eu sou um velho decrepito, e sou orgulhoso disso!

VÁRIA. [Amarga] Nós contratamos a banda, mas como eles serão pagos? [Sai.]

TROFÍMOV. [Para PISCHIN] Se essa energia que você usa para pedir dinheiro emprestado para pagar os juros fosse acumulada ao decorrer de toda sua vida e você a usasse para outra coisa, eu acredito que o senhor teria mudado o mundo.

PISCHIN. Nietzsche... Um filósofo... Grandioso, um homem celebrado... Homem com uma mente prodigiosa, disse em um de seus livros que deveríamos falsificar dinheiro.

TROFÍMOV. E você já leu Nietzsche?

PISCHIN. Bem... Dachenka que me disse. Estou em tal posição, eu não me importaria de falsificar... preciso pagar 310 rublos depois de amanhã... Eu tenho 130 já... [*Tateia seus bolsos, nervosamente*] Perdi o dinheiro! O dinheiro se foi! [*Chorando*] Onde está o dinheiro? [*Contente*] Aqui está, atrás do forro do bolso... Eu já estava suando.

Entra LIUBOV ANDRÊIEVNA e CHARLOTA IVANÓVNA.

LIUBOV. [*Cantarolando uma música de corte*] Por que Leônid demora tanto? O que ele está fazendo na cidade? [*Para DUNIACHA*] Duniacha, dê aos músicos um pouco de chá.

TROFÍMOV. Talvez cancelaram o leilão, quem sabe.

LIUBOV. E os músicos não precisavam terem vindo, e nós não precisávamos deste baile... Bom, esquece... [*Senta e canta suavemente.*]

CHARLOTA. [*Mostra um baralho para PISCHIN*] Aqui está um maço de baralho, pense em uma carta que você goste.

PISCHIN. Pensei em uma.

CHARLOTA. Agora embaralhe. Ótimo. Dê-me aqui, oh meu caro senhor Pischin. *Ein, zwei, drei!* Agora olhe no bolso do seu casaco, que a encontrará.

PISCHIN. [*Tira uma carta do bolso do casaco*] Oito de espadas, está certa! [*Surpreso*] Não acredito?!

CHARLOTA. [*Segurando o maço de cartas na palma da mão. Para TROFÍMOV*] Agora me diga rápido. Qual é a carta do topo?

TROFÍMOV. Bem, dama de espadas.

CHARLOTA. Acertou! [*Para PISCHIN*] Bem, e agora? Que carta está no topo?

PISCHIN. Ás de copas.

CHARLOTA. Acertou! [*Bate palma, o baralho some*] Que adorável está o tempo hoje. [*Uma voz misteriosa feminina responde, como se saísse do chão, "Ah sim, adorável mesmo."*]

CHEFE DA ESTAÇÃO. [*Aplaudes*] Madame ventriloquista, bravo!

PISCHIN. [*Surpreso*] Não acredito?! Encantador, Charlota Ivanóvna... Estou amando...

CHARLOTA. Amando? [*Dando os ombros*] O senhor pode amar? *Guter Mensch aber schlechter Musikant.*

TROFÍMOV. [*Dá um tapinha nos ombros de PISCHIN*] Boa, cavalão!

CHARLOTA. Atenção por favor, mais um truque. [*Pega uma manta de uma cadeira*] Posso comigo uma linda manta, que vou vendê-la... [*Chacoalha*] Alguém quer comprar?

PISCHIN. [*Estupefato*] Não acredito?!

CHARLOTA. *Ein, zwei, drei.*

CHARLOTA *rapidamente abaixa a manta, que estava esticada. ÂNIA está atrás, que se curva e corre para sua mãe, abraça-a e corre de volta para a sala de visitas, todos aplaudem.*

LIUBOV. [*Aplaudindo*] Bravo, bravo!

CHARLOTA. Novamente! *Ein, zwei, drei!*

Abaixa novamente a manta. VÁRIA aparece atrás e se curva também.

PISCHIN. [*Estupefato*] Não acredito?!

CHARLOTA. Fim!

Joga a manta em PISCHIN, curva-se agradecendo e corre para a sala de visitas.

PISCHIN. [*Corre atrás dela*] Sacripantazinha... O que? Como isso? [*Sai.*]

LIUBOV. Leônid não chegou ainda... Não entendo o porquê de ele estar demorando tanto na cidade! Tudo deveria ter acabado agora. Essa propriedade foi vendida; ou, se o leilão nunca aconteceu, por que ele demoraria tanto?

VÁRIA. [*Tenta acalma-la*] Titio comprou a propriedade mamãe. Estou certa disto.

TROFÍMOV. [*Sarcástico*] Ah, claro!

VÁRIA. Nossa tia avó permitiu que comprássemos em seu nome e transferíssemos a dívida para ela. Ela está fazendo isso por Ânía. Estou certa de que Deus ajudará titio a comprar.

LIUBOV. Titia mandou quinze mil rublos de Iaroslav para comprar a propriedade no nome dela - ela não confia em nós - mas isso não é suficiente nem para pagar os juros. [*Cobre o rosto com as mãos*] Meu destino será selado hoje, meu destino...

TROFÍMOV. [*Caçoando VÁRIA*] Madame Lopakhin!

VÁRIA. [*Irritada*] Eterno estudante! Ele já foi expulso duas vezes da universidade.

LIUBOV. Por que você está tão nervosa, Vária? Ele está te caçoando sobre o Lopakhin, mas qual é o problema nisto? Você pode se casar com o Lopakhin se quiser, ele é bom, um homem interessante... Você não precisa se quiser; ninguém está forçando você a fazer o que não deseja, minha querida.

VÁRIA. Eu acho isso um assunto sério, mamãezinha, para ser honesta. Ele é um bom homem, eu gosto dele.

LIUBOV. Então case-se. Eu não entendo o que você tanto espera.

VÁRIA. Eu não posso me propor em casamento, mamãezinha. As pessoas andam falando de nós faz dois anos já, mas ele mesmo não fala nada, nem brinca sobre isso. Eu entendo. Ele está cada dia mais rico, mais ocupado, ele não tem tempo para se preocupar comigo. Se eu tivesse algum dinheiro, mesmo que fosse um pouquinho, uns cem rublos, eu largaria tudo para trás e iria embora. Iria para um convento.

TROFÍMOV. Seria ótimo!

VÁRIA. [*Para TROFÍMOV*] Um estudante deveria ter aprendido bom senso! [*Chorando docemente*] Como você está feio Pétia, como você envelheceu! [*Para LIUBOV, sem chorar*] Mas não posso sair sem trabalho, mamãezinha. Eu preciso fazer algo o tempo todo.

Entra IACHA.

IACHA. [*Segurando riso*] Iepikhodov quebrou um taco de bilhar! [*Sai.*]

VÁRIA. Por que Iepikhodov está aqui? Quem disse que ele poderia jogar bilhar? Eu não entendo essas pessoas. [*Sai.*]

LIUBOV. Não caçoe dela, Pétia, ela já é muito triste sem isso.

TROFÍMOV. Vária é muito arrogante, ela continua interferindo em assuntos alheios. O verão todo, ela não deu paz para mim e para a Ânía, ela tem medo de que nos entreguemos a um romance. O que isso tem a ver com ela? Como se eu fizesse algo para que ela tivesse algum fundamento de que eu me entregaria a tal vulgaridade! Nós estamos acima do amor.

LIUBOV. Então, suponho que devo estar abaixo do amor. [*Agitada*] Por que Leônid não está aqui? Se eu pelo menos soubesse se essa propriedade foi vendida ou não! A desgraça parece tão improvável que não sei o que pensar, estou em uma ilha deserta... Eu devo gritar... Ou fazer algo besta. Salve-me, Pétia. Diga algo, diga algo.

TROFÍMOV. Não é a mesma coisa se a propriedade será vendida hoje ou não? Isso já se perdura por um bom tempo, não tem volta, o caminho foi trilhado. Se acalme, minha cara, você não deveria se iludir tanto, pelo menos uma vez na vida, em alguma proporção, você deveria olhar a verdade.

LIUBOV. Que verdade? Você enxerga tão bem onde está a verdade e a inverdade, mas eu não estou vendo nada. Você responde todas as grandes dúvidas com tanta convicção, mas me fale, querido, será que isso não é porque você é novo, porque mal teve tempo de sofrer por pelo menos uma dessas dúvidas? Você encara a vida tão bravamente, Pétia, será que você não pode esperar nem enxergar nada terrível, por que a vida se esconde destes olhos de criança? Você é mais forte, mais honesto, mais profundo do que somos, mas pense um pouco, seja um pouco *magnânimo* e tenha piedade de mim. Eu nasci aqui, meu pai e minha mãe viverem aqui, meu avô também, eu amo essa casa. Não poderia conceber minha vida sem o jardim das cerejeiras, e se realmente deve ser vendido, que venda-o comigo! [*Abraça TROFÍMOV, beija sua testa*] Meu filho se afogou aqui... [*Chora*] Tenha piedade de mim, bom, amável homem.

TROFÍMOV. Você sabe que eu gosto da senhora com toda minha alma.

LIUBOV. Por isso você deveria ter dito tudo de uma forma diferente, diferente... [*Pega outro lenço, um telegrama cai no chão*] Estou com o coração despedaçado hoje, você não pode imaginar. Aqui está tão barulhento, minha alma treme a cada som. Eu tremo inteira e não consigo ficar sozinha, com medo do silêncio. Não me julgue tão rigidamente, Pétia... Eu amei você, como se fizesse parte da minha família. Eu ficaria muito feliz se Ânia se casasse com você, eu juro, mas Pétia, você deveria trabalhar, finalizar os estudos. Você não faz nada, o destino te joga de um lugar para o outro, tão aleatório... Não é? Sim? Você deveria fazer alguma coisa com essa barba, para deixá-la mais bonita [*Ri*] Você é engraçado!

TROFÍMOV. [*Pegando o telegrama*] Eu não faço questão de ser elegante.

LIUBOV. Esse telegrama veio de Paris. Eu recebo um todo dia. Ontem e hoje. Aquele homem selvagem está doente novamente, está mal de novo... Ele implora por perdão, implora para que eu volte, mas o que posso fazer; ele está doente, ele está sozinho, infeliz, e quem está cuidando dele, dando os remédios na hora certa? E por que eu deveria ficar quieta sobre isso; eu o amo, eu amo ele, amo ele... Esse amor é uma pedra no meu pescoço; vou afundar em um poço, mas eu amo essa pedra e não posso viver sem ela. [*Aperta a mão de TROFÍMOV*] Não pense mal de mim, Pétia, não diga nada, não diga...

TROFÍMOV. [*Chorando*] Pelo amor de Deus, desculpe-me se falo de forma tão direta, mas esse homem te roubou!

LIUBOV. Não, não, não, você não deveria dizer isso! [*Põe as mãos nas orelhas.*]

TROFÍMOV. Mas ele é um calhorda, você não reconhece isso! Ele é um ladrãozinho, um ninguém...

LIUBOV. [*Irritada, mas comedida*] Você tem vinte e seis ou vinte e sete anos, e ainda é um estudantezinho de segunda classe!

TROFÍMOV. Qual é o problema?

LIUBOV. Você deveria ser um homem, na sua idade deveria entender aqueles que amam. E você deveria amar alguém, se apaixonar! [*Irritada*] Sim, sim! Você não é puro como diz, é apenas um esquisito, um estranho, uma aberração...

TROFÍMOV. [*Chocado*] O que ela está dizendo?!

LIUBOV. “Estou acima do amor!” Você não está acima do amor, você é apenas o que o Fiers costuma chamar de "vale-nada". Não tem uma namorada, na sua idade!

TROFÍMOV. [*Horrorizado*] Isso é horrível! O que ela está dizendo?! [*Corre rapidamente para a sala de estar segurando sua própria cabeça*] Isso é horrível... Não posso ouvir isso, vou embora. [*Sai, mas retorna mais uma vez*] Está tudo acabado entre nós! [*Sai.*]

LIUBOV. [*Grita para ele*] Pétia, espere! Tolinho, eu estava brincando! Pétia! [*Algo é ouvido rolando escada abaixo de forma bastante barulhenta, ÂNIA e VÁRIA gritam; risadas são escutadas imediatamente*] O que foi isso?

ÂNIA *entra correndo, rindo.*

ÂNIA. Pétia caiu da escadaria! [*Corre para fora, de volta.*]

LIUBOV. Esse Pétia é uma maravilha.

O CHEFE DA ESTAÇÃO se posiciona no meio da sala de estar e recita “Madalena, a pecadora” de Liev Tolstói. Ele é escutado, mas diz apenas alguns versos quando uma valsa é escutada do quarto da frente e PISCHIN se vê obrigado a parar. Todos dançam. TROFÍMOV, ÂNIA, VÁRIA e LIUBOV ANDRÊIEVNA vão para o quarto da frente.

LIUBOV. Bem Pétia... Minha alma pura... Eu peço perdão... Vamos dançar.

Ela dança com PÉTIA, ÂNIA e VÁRIA dançam também. FIERS entra e coloca sua bengala junto a porta. IACHA também entra e observa a dança.

IACHA. Está tudo bem, vovô?

FIERS. Não estou bem. Antes, nos nossos bailes, costumavam dançar generais, barões e almirantes, e agora nós vemos o oficial dos correios e o chefe da estação, que vieram ainda de favor. Estou muito fraco. Meu amo que morreu, o avô dos meninos, costumava dar lacre para qualquer doença. Eu tomei lacre todos os dias por vinte anos, ou até mais; talvez por isso eu estou vivo ainda.

IACHA. Estou cansado de você, velho. [*Boceja*] Se pelo menos você morresse logo.

FIERS. Ora seu... Vale-nada! [*Resmunga.*]

TROFÍMOV e LIUBOV *dançam na sala de estar, e então vão para uma sala menor.*

LIUBOV. *Merci.* Sentarei aqui. [*Senta*] Estou cansada.

Entra ÂNIA.

ÂNIA. [*Excitada*] Alguém na cozinha acabou de dizer que o jardim das cerejeiras foi vendido.

LIUBOV. Vendido para quem?

ÂNIA. Não disseram para quem. E também já foram embora. [*Dança na sala de estar com TROFÍMOV.*]

IACHA. Um velho estava fofocando sobre isso há um tempo atrás. Um estranho qualquer!

FIERS. E Leônid Andreiêvitch que não chega, ele ainda não voltou. Ele está vestindo um casaco leve. Vai pegar um resfriado. Esses meninos não aprendem.

LIUBOV. Vou morrer com essa espera. Vá e descubra quem disse que foi vendido Iacha.

IACHA. Ah, mas ele foi embora faz tempo, o velho. [*Ri.*]

LIUBOV. [*Ligeiramente irritada*] Do que está rindo? Está feliz com o quê?

IACHA. Iepikhodov é muito engraçado. Ele é um tonto. Vinte-e-duas desgraças.

LIUBOV. Fiers, se a propriedade estiver vendida, para onde você vai?

FIERS. Irei onde a senhora ordenar que eu vá.

LIUBOV. Por que você está com essa aparência? Está doente? Eu acho que você deveria ir para cama...

FIERS. Sim... [*Com um sorriso*] Eu irei para cama, e quem arrumará as coisas e dará as ordens sem mim? Eu tenho essa casa nos ombros.

IACHA. [*Para LIUBOV ANDRÊIEVNA*] Liubov Andrêievna! Eu quero pedir um favor a você, se não se importar! Se voltar para Paris de novo, poderia por favor me levar com você? É absolutamente impossível para mim, ficar por aqui. [*Olhando ao redor, falando em um tom mais baixo*] Falando diretamente, veja você que esse país é um lugar de gente sem educação, um povo imoral, e tão estúpido. A comida na cozinha é bestial, e o Fiers andando por ai, resmungando um monte de coisas inapropriadas. Leve-me comigo, será muito generosa!

Entra PISCHIN.

PISCHIN. Venho para requisitar o prazer de uma valsa, minha cara... [*LIUBOV ANDRÊIEVNA dança com ele*] Como sempre, maravilhosa madame, eu preciso emprestados 180 rublos seus... Eu preciso... [*Eles dançam*] 180 rublozinhos... [*Atravessam para a sala de visitas.*]

IACHA. [*Canta suavemente*]

“Oh, você entenderia
Minha alma incansável?”

*Na sala de estar, uma figura de cartola cinza e calças quadriculadas gesticulando e saltando aparece.
Gritos de “Bravo Charlota Ivanóvna!”*

DUNIACHA. [*Para de passar pó de maquiagem no rosto*] A senhorita Ânía disse para eu dançar - têm um monte de cavalheiros, mas poucas senhoritas - mas fico tonta quando danço, e meu coração acelera, Fiers Nicolaêvitch; o oficial dos correios me disse algo que fez eu até ficar sem ar [*A música vai diminuindo.*]

FIERS. O que ele disse para você?

DUNIACHA. Ele disse: “Você é uma florzinha.”.

IACHA. [*Bocejando*] Grosseirão... [*Sai.*]

DUNIACHA. Uma florzinha... Sou uma garota tão delicada; eu simplesmente amo palavras de carinho.

FIERS. Você vai ficar maluca.

Entra IEPIKHODOV.

IEPIKHODOV. Você, Avdótia Fedoróvna, prefere ver uma barata a me ver. [*Suspira*] Oh, vida!

DUNIACHA. O que você quer?

IEPIKHODOV. Indubitavelmente, talvez, você possa estar certa. [*Suspira*] Mas, certamente, se considerares a questão sob este aspecto, então você, se me permite dizer, deverias desculpar minha clareza, candura. Conheço meu destino, todo dia um infortúnio novo ocorre comigo, cresci acostumado com isto desde criança, as vezes até encaro meu destino e sorrio. Deste sua palavra, e eu pensei...

DUNIACHA. Por favor, conversaremos sobre isso depois, deixe-me sozinha agora. Estou em um sonho, agora. [*Brinca com seu leque.*]

IEPIKHODOV. Todo dia uma desgraça nova acontece comigo, e eu, se posso expressar-me, apenas sorrio, as vezes até gargalho.

VÁRIA entra vinda da sala de visitas.

VÁRIA. [*Para IEPIKHODOV*] Ainda não foi embora, Símeon? Você realmente não respeita ninguém. [*Para DUNIACHA*] Vai embora Duniacha. [*Para IEPIKHODOV*] Você joga bilhar, quebra um taco e anda pela sala de estar, como se fosse um visitante!

IEPIKHODOV. Permita-me dizer que você não pode ordenar-me a nada.

VÁRIA. Eu não estou te dando ordens, estou apenas lhe dizendo. Você anda de lugar para lugar e nunca faz seu trabalho. Só Deus sabe por que nós sustentamos um escriturário.

IEPIKHODOV. [*Ofendido*] Se trabalho, ou ando, ou como, ou jogo bilhar, é uma questão que interessa apenas para pessoas de conhecimento e meus superiores.

VÁRIA. Como ousa a falar comigo dessa forma! [*Furiosa*] Como ousa? Você quer dizer que não entendo de nada? Saia daqui! Saia agora!

IEPIKHODOV. [*Intimidado*] Devo pedir-lhe que se expresse comigo mais educadamente.

VÁRIA. [*Fora de si*] Saia neste instante. Saia! [*Ele vai para a porta, ela segue*] Vinte-e-duas desgraças! Não quero ver mais um sinal seu por aqui! Eu não quero ver sua cara mais! [IEPIKHODOV *sai; sua voz pode ser escutada de fora: "Farei uma queixa contra você."*] O que, está voltando? [*Pega a bengala do FIERIS que estava perto da porta*] Vai, vai, vai! Vou te mostrar uma coisa. ...Vai ou não vai? Vai ou não vai? Tome isto então. [*Ela acerta LOPAKHIN que entra.*]

LOPAKHIN. Muito obrigado.

VÁRIA. [*Nervosa, mas entretida com o que aconteceu*] Desculpe-me.

LOPAKHIN. Não se importe. Eu agradeço pela recepção agradável.

VÁRIA. Não é merecedora de nenhum agradecimento. [*Vai embora, então olha de volta e pergunta gentilmente*] Eu não te machuquei, ou machuquei?

LOPAKHIN. Não, de forma alguma. Terei um galo enorme na cabeça, só isso.

VOZES DA SALA DE VISITAS. Lopakhin retornou! Iermolai Alexeiêvitch!

PISCHIN. Agora veremos e ouviremos o que queremos ver e ouvir... [*Beija LOPAKHIN*] Está cheirando conhaque, meu caro, minha alma. Estamos tendo um dia ótimo.

Entra LIUBOV ANDRÊIEVNA.

LIUBOV. É você, Iermolai Alexeiêvitch? Por que demorou tanto? Onde está Leônid?

LOPAKHIN. Leônid Andreiêvitch está vindo bem atrás, está chegando...

LIUBOV. [*Excitada*] Bem, então? Fomos vendidos? Diga-me?

LOPAKHIN [*Confuso, com medo de demonstrar seu prazer*] O leilão terminou as quatro em ponto... Nós perdemos o trem, tivemos que esperar até oito e meia. [*Suspira pesadamente*] Ooh! Minha cabeça está um pouco zozna.

Entra GAÉV; em sua mão direita ele carrega coisas que comprou, com a esquerda limpa suas lágrimas.

LIUBOV. Leô, o que aconteceu? Leô, está tudo bem? [*Impacientemente, em lágrimas*] Rápido, pelo amor de Deus...

GAÉV. [*Não diz nada a ela, apenas faz um sinal com a mão; para FIERS, chorando*] Aqui, pegue isto... São anchovas e arenques de Kertch... não comi o dia todo... só eu sei o dia que estou tendo! [*Na porta, da sala de bilhar, onde a porta está aberta; o barulho das bolas é escutado, e a voz de IACHA: "Ençaçapei a rosa e a amarela!" A expressão de GAÉV muda, ele não chora mais*] Estou muito cansado. Ajude-me com minhas roupas, Fiers. [*Vai para a sala de visitas, FIERS o segue.*]

PISCHIN. O que acontece? Vamos, fale para nós!

LIUBOV. O jardim foi vendido?

LOPAKHIN. Foi vendido.

LIUBOV. Quem comprou?

LOPAKHIN. Eu comprei.

LIUBOV ANDRÊIEVNA *está estupefata. Ela cairia se não estivesse com os braços apoiando em uma mesa. VÁRIA tira as chaves do cinto, jogam elas no chão, no meio da sala e sai.*

LOPAKHIN. Eu comprei! Um momento, senhoras e senhores, por favor, minha cabeça está girando, mal posso falar... [*Ri*] Quando chegamos no leilão, Deriganov já estava lá. Leônid Andrêievitch tinha apenas quinze mil rublos, e Deriganov ofereceu trinta mil logo de cara, para começar. Eu vi como as coisas eram, então já aumentei para quarenta. Ele aumentou para quarenta e cinco, eu ofereci cinquenta e cinco. Ele aumentava de cinco em cinco mil, eu aumentava dez mil... Então, terminou, eu ofereci noventa mil além da hipoteca; ele desistiu. O jardim das cerejeiras agora é meu! Meu! [*Gargalha*] Meu Deus, meu Deus, o jardim das cerejeiras é meu! Digam-me se estou bêbado, maluco, ou sonhando... [*Bate os pés*] Não riam de mim! Se meu pai ou meu avô levantassem de seus túmulos e olhasse tudo isso, vissem como o pequeno Iermolai comprou uma propriedade, que é a mais linda propriedade do mundo! Eu compre a propriedade que meu avô e meu pai eram escravos, onde não eram permitidos nem entrar na cozinha. Eu estou dormindo, isso é apenas um sonho, uma ilusão... Fruto da minha imaginação, embrulhado na neblina do desconhecido... [*Pega as chaves, sorrindo muito*] Ela jogou as chaves, quis mostrar que não é mais a dona do lugar... [*Tilinta as chaves*] Bem! [*Escuta a orquestra afinando os instrumentos*] Hey, músicos, toquem, eu quero escuta-los! [*A orquestra toca. LIUBOV ANDRÊIEVNA afunda em sua cadeira e chora amargamente. LOPAKHIN continua, reprovando-a*] Por que você não ouviu meu

conselho? Minha pobre, querida amiga, não dá para voltar atrás agora. [*Chora*] Oh, espero que termine logo isso tudo, que nossa vida absurda e miserável melhore!

PISCHIN. [*Pega o braço de LOPAKHIN; falando em um tom mais baixo*] Ela está chorando. Vamos para a sala de visitas e deixemos ela um pouco só... Venha... [*Puxa-o pelo braço*]

LOPAKHIN. O que é isso? Músicos, toquem mais! Vamos, façam o que eu desejo! [*Ironicamente*] O novo dono do jardim das cerejeiras está aqui! [*Ele acidentalmente esbarra na mesa e derruba um candelabro*] Eu posso pagar por tudo! [*Sai com PISCHIN.*]

Na sala de estar e na sala de visitas, ninguém permanece, exceto LIUBOV ANDRÊIEVNA, que se senta esparramada e chora amargamente. A banda toca baixo, suavemente. ÂNIA e TROFÍMOV entram rapidamente. ÂNIA vai até sua mãe e ajoelha-se na frente dela. TROFÍMOV fica esperando na entrada da sala de visitas.

ÂNIA. Mãe! Mãe, você está chorando? Minha querida, amável, boa mãe, minha mãe linda, eu te amo! Abençoada seja! O jardim das cerejeiras foi vendido, não somos mais donos dele, é verdade, verdade, mas não chore mamãe, você ainda tem a vida pela frente, você tem sua alma linda e pura como sempre... Venha comigo, venha, querida, vamos embora daqui, venha! Nós plantaremos um novo jardim, bonito como este, e você verá, você entenderá e terá uma alegria imensa, uma alegria terna se apossuirá de sua alma, como um sol da tarde, e você sorrirá, mãe! Venha, querida, vamos embora!

Fim do terceiro ato.

QUARTO ATO

O palco tem o mesmo cenário do primeiro ato. Não tem cortinas nas janelas, nem quadros nas paredes; apenas alguns móveis sobraram; eles estão todos amontoados no canto como se estivessem a venda. O vazio é percebido. Na porta que sai da casa e no fundo do palco, parafernália e sacos de dormir estão empilhados. A porta a esquerda está aberta; é possível escutar vozes de VÁRIA e ÂNIA atrás dela. LOPAKHIN, de pé, espera. IACHA segura uma bandeja com algumas taças de champanhe. Do lado de fora, IEPKHODOV, está amarrando uma caixa. Vozes são escutadas atrás do palco. Os camponeses vieram para se despedir. A voz de GAÉV é ouvida: “Obrigado, irmãos, muito obrigado.”

IACHA. O povo veio dizer adeus. Eu sou da opinião, Iermolai Alexeiêvitch, que eles são pessoas boas, mas são muito ignorantes.

As vozes vão sumindo. LIUBOV ANDRÊIEVNA e GAÉV entram. Ela não está chorando, mas está pálida, seu rosto está trêmulo; ela mal consegue falar.

GAÉV. Você deu sua bolsa a eles, Luluba. Não pode continuar assim, não pode!

LIUBOV. Não consigo me segurar, não consigo! *[Saem ambos.]*

LOPAKHIN. *[Na porta, falando atrás deles]* Por favor, devo pedir humildemente! Apenas uma tacinha para dizer adeus. Eu não me lembro de trazer nenhuma da cidade e achei apenas essa garrafa na estação. Por favor, bebam! *[Pausa]* Vocês não querem nem um copo? *[Sai de perto da porta]* Se eu soubesse - não teria comprado nenhuma. Bem, não beberei também então. *[IACHA cuidadosamente coloca a bandeja na cadeira]* Pode beber Iacha, quanto quiser.

IACHA. Um brinde para aqueles que partem! E boa sorte para aqueles que ficam! *[Bebe]* Posso lhe garantir que esse champanhe não é verdadeiro.

LOPAKHIN. Oito rublos uma garrafa. *[Pausa]* Está diabolicamente frio aqui.

IACHA. Não acenderam as lareiras hoje, estamos indo embora. *[Ri.]*

LOPAKHIN. Qual é seu problema?

IACHA. Só estou contente.

LOPAKHIN. Já é outubro, mas está tão ensolarado e quieto como se fosse verão. Bom para construir. *[Olhando seu relógio e falando através da porta]* Senhoras e senhores, por favor, lembrem-se que faltam apenas quarenta e cinco minutos até o trem partir! Vocês precisam ir para a estação em vinte minutos. Corram.

TROFÍMOV, *em um casaco, vem para a porta.*

TROFÍMOV. Acho que é hora de partirmos. As carruagens estão esperando. Onde diabos estão minhas galochas? Perderam-se. [*Através da porta*] Ânã, não consigo encontrar minhas galochas! Não consigo!

LOPAKHIN. Preciso ir para Kharkiv. Vou no mesmo trem que você. Gastarei todo meu inverno em Kharkiv. Fiquei muito tempo com vocês, estou ficando enferrujado sem trabalho. Não posso viver sem trabalhar. Preciso fazer algo com minhas mãos; elas parecem que nem são minhas mais.

TROFÍMOV. Nós iremos embora agora e você poderá começar seus trabalhos muito úteis.

LOPAKHIN. Beba um pouco de champanhe.

TROFÍMOV. Não.

LOPAKHIN. Então, irá para Moscou agora?

TROFÍMOV. Sim. Eu irei com eles para a cidade e amanhã irei para Moscou.

LOPAKHIN. Sim... Espero que ninguém comece as aulas hoje; aposto que eles estão esperando você voltar!

TROFÍMOV. Isso não é da sua conta.

LOPAKHIN. Quantos anos você gastou na universidade?

TROFÍMOV. Conta uma nova. Essa já é velha e desgastada. [*Procurando suas galochas*] Sabe, talvez nunca mais nos encontremos, então me deixe dar uma palavrinha, como conselho: pare de balançar as mãos dessa forma! Se livre desse hábito de ficar balançando. Outra coisa também, construir vilas e cobrar de seus arrendatários para brincarem de fazendeiros - é o mesmo gesto; você está simplesmente balançando as mãos... Falo isso porque queira ou não, sabe, eu gosto de você. Você é fino, tem dedos delicados, parecem com os de um artista, e você tem uma alma fina e delicada também.

LOPAKHIN. [*Abraça-o*] Adeus, meu querido companheiro. Obrigado por tudo que você disse. Se você quiser qualquer quantia... Pegue aqui um dinheiro para sua viagem.

TROFÍMOV. Por quê? Eu não quero.

LOPAKHIN. Mas você não tem nada!

TROFÍMOV. Sim, eu tenho, obrigado; eu fiz uma tradução. Está aqui no meu bolso. [*Ansioso*] Mas não consigo achar minhas galochas!

VÁRIA. [*De outro quarto*] Pega logo essa porcaria! [*Joga um par de galochas de borracha no palco.*]

TROFÍMOV. Por que está tão nervosa, Vária? Hm! Estas não são minhas galochas!

LOPAKHIN. Na primavera, eu semeei três mil acres de papoulas e agora lucrei quarenta mil rublos. E quando as papoulas eram flores, que imagem linda era! Fiz quarenta mil rublos, quero dizer que posso e gostaria de emprestar um dinheiro, posso lhe proporcionar isto. Por que virar a cara para mim? Sou um simples camponês...

TROFÍMOV. Seu pai era um camponês, o meu era um farmacêutico, e isso não significa absolutamente nada.

LOPAKHIN [*tira do bolso sua carteira*] Não, não... Mesmo se você me desse vinte mil rublos, eu negaria. Sou um homem livre. E tudo que vocês, seja rico ou pobre, valorizam tanto não tem a menor influência sobre mim; eu sou como um floco de neve no vento. Consigo me virar sem você, passarei através de você. Sou forte e orgulhoso. A humanidade progride para a maior de todas as verdades, a maior de todas alegrias, como são possíveis nessa Terra, e eu estarei na fila da frente, alcançarei primeiro.

LOPAKHIN. Alcançará?

TROFÍMOV. Alcançarei. [*Pausa*] Chegarei lá e mostrarei aos outros o caminho [*Um som de machadada nas árvores é escutado.*]

LOPAKHIN. Bem, adeus, meu velho amigo. É hora de ir. Aqui ficamos afrontando um ao outro, mas a vida continua o tempo todo, sem parar. Quando eu trabalho por um período longo de tempo, eu não me canso, então posso pensar mais facilmente, e eu tenho a impressão que entendo porque existo. E existem tantas pessoas na Rússia, irmão, que vivem para nada. E ainda, o trabalho continua mesmo sem eles. Dizem que Leônid Andreiêvitch aceitou seu posto no banco; receberá seis mil rublos por ano... Mas ele não aguentará muito tempo; é muito preguiçoso.

ÂNIA. [*Na porta*] Mamãe pediu que parasse de cortar o cerejal enquanto ela ainda não foi embora.

TROFÍMOV. Sim, realmente, você deveria ter tato e não fazer isso. [*Sai.*]

LOPAKHIN. Está certo, está certo... Sim, ele está certo. [*Sai.*]

ÂNIA. Levaram o Fiers para o hospital?

IACHA. Eu mandei que o levassem. Suponho que levaram.

ÂNIA. [*Para IEPIKHODOV, que cruza a sala*] Símeon Panteleiêvitch, por favor, verifique se o Fiers foi mandado para o hospital.

IACHA. [*Se sentindo ofendido*] Eu ordenei Egor para que o levasse essa manhã. Para que ficar perguntando isso dez vezes?

IEPIKHODOV. O velho Fiers, na minha resoluta opinião, este deteriorado servidor não merece atenção para reparos; vossos antepassados, estariam ótimos recebendo-o. Eu apenas o invejo. [*Coloca, distraidamente, um baú sobre uma caixa de chapéus e amassa-os*] Está certo, claro. Bem que eu sabia!

IACHA. [*Sorrindo em um tom de zombaria*] Vinte-e-duas desgraças.

VÁRIA. [*Atrás da porta*] O Fiers foi encaminhado para o hospital?

ÂNIA. Sim

VÁRIA. Então por que não levaram com ele a carta para o doutor?

ÂNIA. Eu mandarei entregar a carta. [*Sai.*]

VÁRIA. [*No quarto ao lado*] Onde está Iacha? Avisem ele que a mãe dele veio dizer adeus.

IACHA. [*Gesticulando com as mãos*] Ela me faz perder toda minha paciência!

DUNIACHA *todo esse tempo estava irrequieta com a bagagem; agora que IACHA está sozinho, ela vai até ele.*

DUNIACHA. Você não me olhou nenhuma vez para mim, Iacha. Está indo embora e me deixando para trás. [*Chora e abraça-o em torno do pescoço.*]

IACHA. Para que chorar? [*Bebe champanhe*] Em seis dias, estarei em Paris novamente. Amanhã pegaremos o expresso. Mal posso acreditar. *Vive la France!* Não pertencço a este lugar, não posso viver aqui... Não é bom. Bem, eu já vi o mundo bárbaro; fiquei tempo demais aqui. [*Bebe champanhe*] O que te faz chorar? Se comporte direito e pare de chorar.

DUNIACHA. [*Olha para um espelho pequeno e passa pó de maquiagem no rosto*] Me envie uma carta de Paris. Você sabe que eu te amo, Iacha, amo muito! Sou uma criatura sensível, Iacha.

IACHA. Alguém está vindo.

Ele começa carregar a bagagem, cantando suavemente. Entra LIUBOV ANDRÊIEVNA, GAÉV, ÂNIA e CHARLOTA.

GAÉV. É melhor nos apressarmos. Não temos tempo a perder. [*Olha para o IACHA*] Alguém cheira a arenque!

LIUBOV. Não precisamos estar na carruagem pelos próximos dez minutos... [*Olha ao redor, o quarto*] Adeus, querida casa, meu avô. O inverno passará, a primavera chegará e então você não existirá mais, você será derrubada. Quantas coisas essas paredes viram! [*Beija sua filha com muito amor*] Meu tesouro, você está radiante, seus olhos brilham como duas joias! Você está feliz? Muito?

ÂNIA. Muito! Uma nova vida está começando, mãe!

GAÉV. [*Alegremente*] Sim, realmente, tudo será novo agora. Antes do cerejal ser vendido, estávamos todos preocupados e sofrendo, e agora, quando o problema foi resolvido de uma vez por todas, todos nos acalmamos, ficamos até contentes. Sou um bancário agora, um financista... Vermelha no centro; e você, Luluba, por alguma razão, aparenta estar melhor, não tenha dúvidas sobre isso.

LIUBOV. Sim. Meus nervos estão melhores, é verdade. [*Poe o casaco e o chapéu*] Eu dormirei bem. Pegue minha bagagem, Iacha. Está na hora. [*Para ÂNIA*] Minha garotinha, nos encontraremos em breve... Estarei em Paris. Viverei lá com o dinheiro que nossa tia de Iaroslav nos mandou para comprar a propriedade - Deus que a abençoe! - Entretanto, esse dinheiro não durará muito.

ÂNIA. Você voltará logo, mamãe, não vai? Eu me prepararei, e passarei no exame do colégio, então trabalharei para te ajudar. Leremos todos os tipos de livro uma para a outra, não vamos? [*Beija as mãos de sua mãe*] Leremos durante as tardes de outono; leremos tantos livros, e um lindo mundo totalmente novo se abrirá bem na nossa frente... [*Pensativa*] Você voltará, mamãe...

LIUBOV. Voltarei, meu anjo. [*Abraça ÂNIA.*]

Entra LOPAKHIN. CHARLOTA *está cantando para si própria.*

GAÉV. Charlota está feliz; ela canta!

CHARLOTA. [*Pega uma trouxa, parecendo como um bebê embrulhado*] Meu bebezinho, tchau-tchau. [*O bebê parece responder: "Uáá! Uáá!"*] Silêncio meu menininho. [*"Uáá! Uáá!"*] Desculpe-me viu? [*Joga longe a trouxa*] Por favor, alguém me arruma outro lugar para ficar. Não suporto esta situação.

LOPAKHIN. Nós acharemos um, Charlota Ivanóvna, não se preocupe.

GAÉV. Todos estão nos deixando. Vária está partindo... De repente, somos desnecessários.

CHARLOTA. Não tenho lugar algum para ficar na cidade. Preciso ir embora. [*Cantarola*] Esqueçam.

Entra PISCHIN.

LOPAKHIN. Obra prima da natureza!

PISCHIN. [*Sem ar*] Oh, deixe-me recuperar o ar... Estou desgastado... Meus honrados amigos, preciso de água, por favor...

GAÉV. Veio para um empréstimo, é? Vosso humilde servo se retirará para evitar de ser uma tentação. [*Sai.*]

PISCHIN. Eu estive longe dessa casa faz um bom tempo... Prezada madame. [*Para LOPAKHIN*] Você aqui? Fico feliz de vê-lo... Um homem com um cérebro imenso... Pegue isso... Pegue... [*Dá a LOPAKHIN dinheiro*] Quatrocentos rublos... Faltam apenas oitocentos e quarenta...

LOPAKHIN. [*Encolhe os ombros surpreendido*] Isso é um sonho? Onde você conseguiu isso?

PISCHIN. Pare... É quente... A coisa mais inesperável aconteceu. Alguns ingleses acharam argila nas minhas terras... [*Para LIUBOV*] E aqui está quatrocentos para você... Linda senhora... [*Dá o dinheiro para ela*] Darei o resto depois... [*Bebe água*] Agora mesmo, um jovem no trem estava dizendo que um grande filósofo aconselha a todos de pular de seus telhados. “Pule!” ele disse, e foi isso. [*Estupefato*] Acredita!? Mais água!

LOPAKHIN. Quem são esses ingleses?

PISCHIN. Eu arrendei as terras com argila para eles por vinte e quatro anos... Agora, com licença, não tenho tempo... Preciso ir embora... Preciso visitar Znoikov e Kardamonov... Eu devo dinheiro a eles... [*Bebe*] Adeus. Voltarei na quinta feira.

LIUBOV. Nós estamos indo para a cidade, e amanhã irei para o exterior.

PISCHIN. [*Agitado*] O que? Por que para a cidade? Eu vejo os móveis... Caixotes... Bem, esqueçam. [*Chorando*] Esqueçam. Esses ingleses são homens de intelecto imenso... Esqueçam... Sejam felizes... Deus lhe ajudará... Esqueçam... Tudo nesse mundo acaba... [*Beija a mão de LIUBOV ANDÊIEVNA*] E se um dia ouvirem que findei, apenas lembrem-se desse velho... Cavalos... E digam: “Jamais houve alguém como Simeonov-Pischin, Deus abençoe sua alma...” Tempo maravilhoso... Sim... [*Sai profundamente agitado, mas retorna mais uma vez e diz da porta*] Dachenka manda lembranças com amor! [*Sai.*]

LIUBOV. Agora podemos ir. Entretanto, fico preocupada com duas coisas. A primeira é o pobre Fiers [*Olha seu relógio*] Nós ainda temos cinco minutos...

ÂNIA. Mãe, o Fiers já foi enviado para o hospital. Iacha o levou esta manhã.

LIUBOV. A segunda é Vária. Ela acostumava acordar cedo e trabalhar, e agora que não tem trabalho para fazer, vai se sentir como um peixe fora d’água. Ela está ficando magra e pálida, e anda chorando, pobrezinha... [*Pausa*] Sabe Iermolai Alexeiêvitch, eu costumava a ter esperança de casa-la com você, e agora penso, você pretende casar com alguém? [*Sussurra para ÂNIA, que faz um gesto com a cabeça para CHARLOTA, ambas saem da sala*] Ela te ama, e você parece gostar dela também, e não entendo, realmente não entendo, porque vocês dois ficam longe um do outro. Eu não entendo!

LOPAKHIN. Para dizer a verdade, eu também não entendo. Tudo é tão estranho... Se ainda tivéssemos tempo, eu estaria pronto na hora... Vamos resolver isso, de uma vez por todas; eu não me sinto como se eu conseguisse propô-la em casamento sem você por perto.

LIUBOV. Excelente. Isso levará apenas um minuto. Vou chamá-la.

LOPAKHIN. Temos até champanhe, muito apropriado... [*Olha as taças*] Estão vazias, beberam tudo...
[IACHA *tosse*] Bebeu...

LIUBOV. [*Animada*] Excelente. Vamos sair. Iacha, *allez*. Eu chamarei ela para entrar... [*Na porta*] Vária, deixa isso e venha cá. Venha! [*Sai com IACHA.*]

LOPAKHIN. [*Olha seu relógio*] Sim... [*Pausa.*]

Atrás da porta, escuta-se algumas risadas e sussurros, então VÁRIA entra.

VÁRIA. [*Olhando a bagagem em silêncio*] Eu não consigo encontrá-las...

LOPAKHIN. O que você está procurando?

VÁRIA. Eu mesma empacotei e não consigo lembrar. [*Pausa.*]

LOPAKHIN. Para onde você vai agora, Bárbara Mihailóvna?

VÁRIA. Eu? Para os Ragulins... Consegui um emprego, irei para lá ficar na casa deles... Uma espécie de governanta ou algo do tipo.

LOPAKHIN. Mas isso não fica em Iashnevo? Fica oitenta quilômetros daqui. [*Pausa*] Então acabou mesmo a vida nessa casa...

VÁRIA. [*Procurando entre as malas*] Onde está? ...Talvez eu coloquei no baú... Sim, não haverá mais vida nessa casa...

LOPAKHIN. Eu estou indo para Kharkiv... Neste mesmo trem. Tenho um monte de negócios para serem fechados. Estou deixando Iepikhodov aqui... Vou mantê-lo no emprego.

VÁRIA. Que bom, que bom!

LOPAKHIN. Ano passado, nessa época, já estava nevando, não sei se você se lembra, e agora está tão ensolarado. Apenas está um pouco frio... Três graus abaixo de zero.

VÁRIA. Não percebi. [*Pausa*] E nosso termômetro está quebrado... [*Pausa.*]

UMA VOZ NA PORTA. Iermolai Alexeiêvitch!

LOPAKHIN. [*Como se ele estivesse esperando para ser chamado*] Estou indo! [*Sai rapidamente.*]

VÁRIA, *sentada no chão, coloca seu rosto em uma trouxa de roupas e chora suavemente. A porta se abre.* LIUBOV ANDRÊIEVNA *entra com cuidado.*

LIUBOV. E então? *[Pausa]* Devemos ir.

VÁRIA. *[Sem chorar agora, limpa os olhos]* Sim, está na hora de irmos, mamãezinha. Chegarei nos Ragulins ainda hoje, se eu não perder o trem...

LIUBOV. *[Na porta]* Ânía, junte suas coisas. *[Entra ÂNIA, depois GAÉV e CHARLOTA. GAÉV veste um casaco de frio, pesado, com um capuz. Entra os servos e cocheiros. IEPIKHODOV cuida da bagagem]* Agora podemos ir embora.

ÂNIA. *[Contente]* Embora!

GAÉV. Meus amigos, meus caros amigos! Poderia eu silenciar-me, durante essa saída sem volta dessa casa? - Deveria eu restringir-me, ao me despedir, de expressar todos os sentimentos que fluem completando-me em toda potência do meu ser...?

ÂNIA. *[Implorando]* Titio!

VÁRIA. Tio, você não deveria ter feito isso!

GAÉV. *[Decepcionado]* Tabela a vermelha, que corre para o meio... Eu ficarei quieto.

Entra TROFÍMOV, depois LOPAKHIN.

TROFÍMOV. Bem, está na hora de irmos.

LOPAKHIN. Iepikhodov, meu casaco!

LIUBOV. Sentarei aqui somente mais um minutinho. É como se eu estivesse vendo essas paredes e janelas pela primeira vez, somente agora eu as vejo claramente, com um amor tão terno...

GAÉV. Eu me lembro, quando eu tinha seis anos, no Sexta-Feira Santa, eu sentava aqui e olhava por essa janela meu pai indo para a igreja...

LIUBOV. Já foram levadas todas as coisas?

LOPAKHIN. Sim, tudo, acho. *[Para IEPIKHODOV, colocando seu casaco]* Vê se mantém tudo certinho aqui, Iepikhodov.

IEPIKHODOV. *[Rouco]* Pode contar comigo, Iermolai Alexeiêvitch!

LOPAKHIN. O que você tem na voz?

IEPIKHODOV. Eu engoli algo e minha garganta ficou assim; estava indo buscar um copo d'água.

IACHA. [*De maneira dúbia*] Que ignorância...

LIUBOV. Vamos, não deixemos alma alguma para trás.

LOPAKHIN. Até a primavera.

VÁRIA. [*Tira um guarda-chuva de dentro de uma trouxa de roupas e chacoalha. LOPAKHIN finge estar assustado*] O que está fazendo? ...Nunca pensei em...

TROFÍMOV. Vamos, devemos preencher nossos assentos ... Está na hora! O trem está para sair.

VÁRIA. Pétia, aqui estão suas galochas, dentro deste baú. [*Em lágrimas*] E quão sujas e velhas elas estão...

TROFÍMOV. [*Colocando as galochas*] Vamos!

GAÉV. [*Afetado profundamente, quase chorando*] O trem... A estação... Cruza no centro, bate na amarela, sobe para o canto...

LIUBOV. Vamos!

LOPAKHIN. Estão todos aqui? Não falta ninguém? [*Tranca a porta lateral na esquerda*] Tem um monte de coisas aqui dentro. Vou trancar para não ter problemas. Vamos!

ÂNIA. Adeus lar! Adeus, vida antiga!

TROFÍMOV. Bem vinda, vida nova! [*Sai com ÂNIA.*]

VÁRIA *olha ao redor do quarto e sai vagarosamente. IACHA e CHARLOTA, com seu cãozinho, saem.*

LOPAKHIN. Até a primavera então! Vamos... Até qualquer dia! [*Sai.*]

LIUBOV ANDRÊIEVNA e GAÉV *são deixados a sós. É quase como se eles tivessem esperando por isto. Abraçam-se fortemente e sussurram, temendo que possam ser escutados.*

GAÉV. [*Desesperado*] Minha irmã, minha irmã...

LIUBOV. Meu finado, gentil, lindo jardim! Minha vida, juventude, minha felicidade, adeus! Adeus!

VOZ DA ÂNIA. [*Alegre*] Mãe!

VOZ DE TROFÍMOV. [*Alegre, radiante*] Uhuul!

LIUBOV. Olhar essas paredes e janelas pela última vez... Minha falecida mãe amava andar neste quarto...

GAÉV. Minha irmã, minha irmã!

VOZ DE ÂNIA. Mãe!

VOZ DE TROFÍMOV. UHULLL!!!

LIUBOV. Estamos indo! [Saem ambos.]

O palco está vazio. O som das chaves sendo viradas na tranca é escutado, sons da carruagem partindo. Está tudo quieto. Então, o triste som dos machados nas árvores é escutado cruzando o silêncio. Sons de passo. FIERS entra pela porta da direita. Ele veste o mesmo de sempre, casaco branco; sandálias nos pés. Ele está doente. Vai até a porta e tenta abri-la, mas está trancada.

FIERS. Está trancada. Foram embora. [Senta no sofá] Esqueceram-me aqui... Deixa pra lá, vou ficar sentado aqui... E Leônid Andreiêvitch deve ter saído com aquele casquinho leve em vez de usar o casaco de peles... [Suspira ansioso] Mas nem os vi... Oh, esses jovens! [Resmunga algumas coisas incompreensíveis] A vida se passou como se eu nem tivesse vivido. [Deita-se] Vou deitar aqui... Nem força lhe sobrou, nada lhe sobrou seu... Seu... Vale-nada!

Ele fica deitado, sem se mexer. Um som no horizonte é escutado, como se viesse do céu, de uma corda se rompendo, com o som diminuindo tristemente bem longe. Silêncio em seguida, sendo que a única coisa que é escutada, em algum lugar longe, bem longe do jardim, são os machados nas árvores.

Fim